

2.VI. 1955

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Separata das «Memórias»

(Classe de Letras — Tomo VI)

ELOGIO HISTÓRICO

DE

JOSÉ MARIA DE QUEIROZ VELOSO

POR

P. M. LARANJO COELHO

DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



LISBOA

1 9 5 3



(B)
33 Veloso, José Maria
COE

Adriana Rey y Oster de Queiroz Velloso
Bar. Antônia do Hig. Ar. La-
ranja Coelho, Ensigne

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Separata das «Memórias»

(Classe de Letras — Tomo VI)

ELOGIO HISTÓRICO

DE

JOSÉ MARIA DE QUEIROZ VELOSO

POR

P. M. LARANJO COELHO

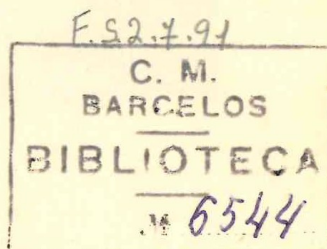
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA



LISBOA

1953

C. M. B.
BIBLIOTECA
2. VI. 1955
E 13



Barcelos Perm.

EL OGIÓ HISTÓRICO

JOSE MARIA DE OUREN VELLOSO

P. M. LAPARDO CONTINIO

DE LA ACADEMIA DE LAS CIENCIAS Y LETRAS





PROFESSOR-DOUTOR JOSÉ MARIA DE QUEIROZ VELOSO

C.M.B.
Biblioteca

Senhor Presidente da Academia,
Senhor Presidente da Classe de Letras,
Senhor Arcebispo de Mitilene,
Senhor Presidente do Supremo Tribunal de Justiça,
Senhores Académicos,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores :

Num discurso que Queiroz Veloso pronunciou na cidade do Porto, em 14 de Julho de 1884, tinha ele então 24 combativos e fogosos anos, advogando a candidatura pela cidade invicta de Mariano Cirilo de Carvalho que ali acabava de fazer um discurso de propaganda política, dizia ele, fortemente impressionado pela eloquência e empolgante sugestão da palavra do notável parlamentar e estadista :

« — já se calou, e ainda me parece que fala ; já o não ouço e ainda me parece que o estou ouvindo — ».

Faço minhas estas mesmas palavras a respeito do meu glorioso antecessor na cadeira que os vossos benévolos sufrágios — Ilustres Confrades — me deram, com generosa unânimidade, a grande e desvanecida honra de vir ocupar.

Fez ainda há pouco, no dia 31 do mês passado, um ano que o perdemos, que para sempre desapareceu ; não soará mais nesta sala a sua voz sonóra, fluente e sugestiva que emudeceu e para sempre se calou, e todavia « — ainda me parece que fala, ainda me parece que o estou ou-

vindo, ainda me parece que o estou vendo — ». Ao sentimento de maguada e compungida tristeza de nunca mais o podermos ver aqui entre nós contrapõe-se a consoladora ideia de que o seu espírito imperecível viverá sempre connosco, através da saudade e da obra notável que nos deixou.

« — Non moriar, sed vivam — »
(Não morrerei, mas viverei)
Ps. III, v. 17.

Creio que com merecida e insofismável justiça as expressivas palavras do salmo bíblico se lhe podem ajustar.

É o seu elogio histórico que em obediência ao preceito do Estatuto Académico me cumpre hoje vir aqui fazer. Tarefa árdua, difícil, se bem que aprazível, grata ao meu espírito que muito o admirou, afectuosa para o meu coração que muito lhe queria.

Tarefa árdua, digo, porque nesta tribuna académica o panegírico, o discurso apologético, não obstante ser acto gostoso, uma justa consagração dos méritos e excelsas qualidades de uma grande figura desta Casa, é, entre todas as formas oratórias, a que mais escolhos depara e oferece a quem tenha de o fazer. Tarefa também difícil, em verdade, e por isso não isenta para mim de receios e de perplexidades, tão variada de aspectos, tão rica de facetas, tão multiforme e fecunda foi a actividade mental do nosso saudoso confrade Doutor José Maria de Queiroz Veloso, a cuja memória hoje tributamos as nossas sentidas homenagens:

— Jornalista, professor, político, burocrata, académico, historiador; e — até foi também médico —, o que muita gente ignorava.

Não extranheis, pois, a minha hesitação, a minha perplexidade ao ter de cumprir esta obrigação académica, justificadamente receioso de que a personalidade eminente de Queiroz Veloso, a luminosa irradiação do seu privilegiado espírito, as suas peregrinas qualidades não fiquem em bem vincado relevo, bem nítidas, bem claras e transparentes através das minhas pobres e desluzidas palavras.

Há tanto que dizer de Queiroz Veloso na longa jornada da sua laboriosa vida, nas locubrações do seu sempre juvenil e vigoroso espírito que não me será possível dar-vos clara ideia da sua magnífica e prodigiosa actividade, analisar minuciosamente, como requeria, a obra notável que enriqueceu a sua bibliografia e na qual afanosamente trabalhou até

quase ao seu último, ao seu derradeiro alento. Essa longa exposição seria desproporcionada ao tempo de que, sem maior enfado para a vossa benévola atenção, me será lícito dispôr. Contentar-me-ei, pois, em me deter nos marcos mais salientes dessa longa jornada procurando apenas pôr em destaque, glosando a expressiva frase de um ilustre académico brasileiro, as vigas mestras da obra que architectou com os materiais paciente e obstinadamente acumulados durante muitos anos.

* * *

Há um traço na personalidade de Queiroz Veloso, raro e pouco vulgar, como aliás foi já notado, que o distingue e sobreleva a todos os outros. — Foi sempre milagrosamente moço. — Conservou, até quase ao último momento do seu espírito, o vigor da juventude, dir-se-ia uma mocidade vitalícia.

Todos os seus biógrafos, com efeito, salientam essa rara e singular juventude; entre eles seja-me lícito nomear pela autoridade das suas palavras, pela eloquência e recorte literário dos seus apropriados conceitos, pelas altas funções que teem desempenhado no professorado universitário e nos altos cargos do país, os nossos ilustres confrades, Professores: — Caeiro da Mata e Cordeiro Ramos. — Quero referir-me aos discursos que pronunciaram em sessão plenária desta Academia, em 23 de Novembro de 1950, consagrada a festejar os noventa anos de idade de Queiroz Veloso. O académico Caeiro da Mata citando a respeito do nosso saudoso confrade o que Renan dizia do espírito dos gregos de outrora: « — sempre joven de vinte anos — ». O académico Cordeiro Ramos citando a respeito da juvenilidade do espírito de Queiroz Veloso a judiciosa observação de Thompson: « — a idade de um homem não a devemos buscar nunca nas folhas do calendário — ».

Permita-se-me acrescentar a estes belos conceitos as expressivas palavras do nosso eminente e saudoso confrade brasileiro Afrânio Peixoto quando definia a actividade académica de Ramiz Galvão na seguinte frase lapidar, que tão bem se acomoda e retrata Queiroz Veloso:

« — Velho quase secular era o mesmo trabalhador dos dezenove anos — *Soube de tudo, só não soube envelhecer* — ».

Assim foi Queiroz Veloso!

Quanto mais annos passavam, quanto mais dias corriam, quantas mais horas a ampulheta do tempo marcava, direi como Frei Heitor Pinto, — quantos menos annos deixava de ter —. Com effeito, o seu espirito conservou até quase ao ultimo raio do crepusculo da sua vida todo o vigor, toda a sua força, toda a sua florescência.

Em conclusão, podiamos também dizer a seu respeito o que o critico J. Barbey d'Aurevilly dizia de Balzac: — «Il ne subit pas la lois du temps, il peut compter indéfiniment sur de nouveaux ages viriles — ».

O Historiador

Como historiador, primeiro e o mais dominante aspecto da sua personalidade, Queiroz Veloso tem também alguma coisa de original e de singular; deu-se com ele o raro e estranho facto de ter começado o seu labor produtivo na idade proecta dos setenta annos, quando os outros geralmente o acabam. Foi aproximadamente nesta idade, quando já aliado dos cuidados e da tarefa absorvente da sua vida docente e burocrática que lhe tolhiam os vãos do espirito e o rumo da sua vocação de historiador, foi só então que ele começou a aproveitar os materiais que pacientemente accumulara, principalmente no arquivo da velha fortaleza castelhana de Simancas. Queiroz Veloso frequentou este arquivo durante dezesseis annos, nas férias grandes, cujas secções foram por ele exploradas na parte referente à história portugueza, especialmente nos períodos que precederam e seguiram a dominação castelhana. No empenho de investigar a verdade de certos factos históricos pouco conhecidos ou que andavam desvirtuados, além das buscas laboriosas que fez em Simancas, iguaes investigações fez também no Ministério dos Estrangeiros do país vizinho e no Arquivo Histórico de Madrid; em todos estes arquivos copiou centenas de documentos que lhe serviram de base para as suas obras históricas. Foi, porém, o arquivo de Simancas que exerceu nele uma influencia considerável e foi aí, nesse recheiado depósito de tão preciosos documentos, que a história lhe appareceu com todas as suas seducções e encantos; foi desde então que a história com a atracção dos seus problemas se misturou com a sua vida, consagrando-se a ella com obstinada pertinácia e notável sagacidade. Foi, sem dúvida, o arquivo de Simancas e o tesouro dos seus

documentos que lhe tornaram o ânimo propenso à investigação histórica e o levaram a corrigir erros, a iluminar as sombras e desfazer os vícios de credulidade de outros historiadores.

Considerado como historiador a actividade, a obra de Queiroz Veloso foi já definida e apreciada nesta casa por uma forma tão autorizada e expressiva que pouco mais poderei acrescentar ao que já foi dito.

Na sessão da Classe de Letras, em 25 de Maio de 1933, comentando uma comunicação que Queiroz Veloso fizera sob o título: «O Casamento do Cardeal D. Henrique», o Presidente da Academia, Sr. Doutor Júlio Dantas, com aquela elegância literária, aquela justeza modelar das suas sínteses, muito bem disse « — que todos os trabalhos históricos de Queiroz Veloso se distinguem pela segurança da fonte histórica, pela produção de novos e inéditos documentos e por uma clareza de visão que levavam sempre todos os que o ouviam a modificar qualquer ponto de vista de problemas históricos, acrescentando que aquela comunicação rehabilitara civicamente o Cardeal D. Henrique — ».

Por seu lado o Presidente da Classe de Letras, sr. Professor Caeiro da Mata, com aquela fluência da sua memória sempre pronta, sempre desperta e erudita, muito apropriadamente disse, no discurso que pronunciou na sessão plenária de 23 de Novembro de 1950, a que já anteriormente aludi, que pelos seus processos Queiroz Veloso se ligava a Herculano e Gama Barros e, mais além, ao grande chefe da Escola, que foi Ranke.

Com efeito, a inspiração de Queiroz Veloso nos processos seguidos por Herculano está bem patente na transcrição que faz na página rosto do seu substancioso e notável livro sob o título; «—D. Sebastião—», a que mais adiante me hei-de referir. Nesta página lê-se o seguinte:

« — A nossa história, mais ainda do que a de outras nações da Europa, para surgir da sombra das lendas à luz clara da realidade, carece de indagações profundas, e de apreciações sinceras e desinteressadas — ».

Alexandre Herculano

Se me fosse lícito exemplificar e alongar a vista por todas as páginas deste e doutros livros que Queiroz Veloso escreveu sobre esta época da história portuguesa poderíamos ver,— aliás V. Ex.^{as} já muito bem o

sabem —, como ele, seguindo os passos dos grandes Mestres, foi notável historiador, um dos primeiros do seu tempo, no paciente trabalho de investigação, no espírito crítico, probo, circunspecto e imparcial que emprega na observação e cotejo dos materiais recolhidos com as fontes existentes, enfim no método de um verdadeiro e moderno historiador.

Abundam em quase todas as épocas os cultores de assuntos históricos e muitos historiadores teem apparecido entre nós porque, em verdade, a história é a ciência mais fácil de abordar; mas ela é, ao mesmo tempo, a mais difficil de fazer, a que maior soma de trabalho e de difficuldades oferece a sua técnica, a sua perfeita elaboração. Já o dizia e ensinava o grande historiador Leopoldo Ranke e este mesmo conceito havia sido já expresso por Fustel de Coulanges que exigia, como primeira qualidade do historiador, a tendência para duvidar, de não acreditar sem certas reservas; para ele o verdadeiro erudito começaria, pois, por levantar dúvidas, por interrogar e com tal orientação classificava os historiadores em duas categorias: de uma parte os que julgavam que tudo estava dito; do outro lado aqueles que se não satisfazem com os mais belos trabalhos de erudição, que duvidam, que investigam, que teem o instinto de que há sempre alguma coisa a descobrir. Esse trabalho a fazer deve ter como primeira e principal tarefa procurar os documentos originaes e interpretar-lhes o sentido (1).

Alfredo Croiset, ainda mais expressivo, confirma este conceito dizendo que se a história é a ciência que prepara os materiais, é a arte que lhe interroga o sentido e intelligência e os põe em execução (2).

Queiroz Veloso possuia esse instinto, essa presciência, esse raro dom. Homem de análise, de investigação demorada e paciente, descobrindo nos arquivos centenas de documentos soube dar-lhe o seu valor como a expressão viva e autêntica do pensamento dos personagens que descreveu, como elemento de reconstituição histórica da época que estudou.

Com este método, com esta clarividência, Queiroz Veloso narra os factos e sucessos illuminando as sombras que os envolviam, corrigindo

(1) — Paul Giraud — *«Révue des Deux Mondes»* (1 Mars — 1896) — Estudo crítico sobre a obra histórica de Fustel de Coulanges.

(2) — « — Herodote et la conception moderne de l'histoire. — in — *«Révue des Deux Mondes»*, (Mai — 1890).

erros, respondendo a interrogações, desfazendo dúvidas, precisando datas, enfim, fazendo incidir sobre a época que estuda a sua crítica com justa e imperturbável firmeza.

Ele mesmo se definiu quando na sessão da Classe de Letras desta Academia, 23 de Maio de 1929, aludindo ao valor do documento a propósito da comunicação que ali fizera sobre a lenda e a história das relações de Camões e D. Francisca de Aragão, acerca das quais obtivera conclusões definitivas, dizia:

« — Os pseudo-investigadores que desdenham olímpicamente do «documento» esquecem-se de que, sem ele, a história seria uma casa sem alicerces a cair em ruínas — ».

Quanto à exemplificação de muitos casos em que o método e a crítica de Queiroz Veloso, baseada na autenticidade de documentos inéditos por ele encontrados em Simancas, vieram iluminar as sombras que envolviam certos factos e sucessos da história nacional da época anterior e posterior à dominação filipina, lamento que a sua extensão me não permita alongar dentro do tempo protocolar de que me é lícito dispôr.

Reservar-me-ei para, em breve síntese, desenvolver este assunto quando adiante tratar da obra e da actividade académica do meu egrégio antecessor; ainda mesmo porque quase todos os seus trabalhos históricos tiveram início em comunicações feitas a esta Academia. Além de que, seguindo a ordem cronológica e o rumo dos seus passos na longa jornada da sua vida, o aparecimento da sua obra histórica, o seu labor produtivo como historiador, a sua fecunda actividade académica somente nos aparecem quase no último quartel da sua existência.

Não ficaria, porém, completa a sua biografia se não procurasse também tornar conhecidas algumas notas da família e seguir, numa rápida visão retrospectiva, alguns dos mais importantes passos de Queiroz Veloso na longa trajectória da sua vida, desde os primeiros anos da juventude ao deixar o lar paterno para ir começar os seus primeiros estudos. Só assim poderemos fazer ideia de outras manifestações em que se desdobrou a sua multiforme, a sua incansável e fecunda actividade.

* * *

Oriundo de uma ilustre família das terras da Ribeira Lima, nasceu José Maria de Queiroz Veloso no dia 26 de Agosto de 1860, em Barcelos, freguesia de Santa Maria Maior, na Rua Direita, prédio onde hoje está estabelecida a pastelaria Salvação e que merecia ser assinalada com uma lápide. Foram seus pais o Dr. António Augusto de Cerqueira Veloso, formado em direito pela Universidade de Coimbra, advogado na vila de Ponte da Barca, e D. Maria Rita Teixeira de Queiroz, que residiam na chamada «Casa de Cima da Vila», freguesia das Lavradas, perto da aldeia de Bravães, a cinco quilómetros daquela vila. O nascimento de José Maria de Queiroz Veloso em Barcelos explica-se porque tendo ido o pai com sua mulher visitar os pais, avós de Queiroz Veloso, que residiam nesta vila, deu-se o caso que sua mulher D. Maria Rita ali tivesse o parto forçadamente ali retida por ter torcido um pé.

Foi seu avô paterno o Conselheiro José Bernardino Mendes Veloso, desembargador do Tribunal da Relação do Porto, e o avô materno foi o Dr. José Teixeira de Queiroz de Moraes Sarmiento, lente da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra.

O seu bilhete de identidade tem o número 105.804 e a data de 21 de Março de 1927.

Na «Introdução» a uma série de artigos que escreveu sob o título de « — Manuel Pinheiro Chagas e o seu tempo — », aludindo a uma longínqua simpatia espiritual por este notável escritor conta-nos o seguinte: « — Meu avô paterno fôra cruelmente perseguido, durante o reinado de D. Miguel. Preso, sob a acusação de liberal, quando já constituíra família e lhe nascera uma filha, assim passou quatro anos de cadeia em cadeia, até que a vitória do constitucionalismo o libertou.

Desembargador da Relação do Porto, o seu antigo amor pela liberdade não esmorecera. Aos domingos de tarde, — então jantava-se cedo —, ora me ensinava a traduzir trechos de Lamartine ou de Goldsmith, pois conhecia bem o francês e o inglês, ora me mandava ler páginas de «História de Portugal», de Pinheiro Chagas, ardentemente inspiradas nos mais ardentes ideais modernos. Volvidos anos, quando os ilustres exploradores Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens visitaram o Porto, no seu regresso de África, ouvi-o falar em público. Impressionou-me a sua palavra colorida, quente, duma dicção correctíssima, a

riqueza da imaginação, a fluência, a erudição histórica, a força de persuasão que irradiava da sua voz sonora e enérgica. Aumentava a minha simpatia por esse homem que nunca mais voltei a ver; e este sentimento radicou-se ainda com a leitura dos seus livros e a notícia da sua vida tão simples, tão modesta, tão digna. —» (1)

O Médico

Vamos agora ao encontro dos seus passos quando deixa o lar paterno para ir começar os seus estudos primários, secundários e superiores, na Academia Politécnica e na Escola-Médico-Cirúrgica do Porto, cujo curso concluiu em 1884, onde obteve muitas distinções e «accessits». A sua dissertação inaugural oferecida ao corpo docente desta Escola, intitula-se: «*A Criminalidade em Portugal*», Porto — Imprensa Portuguesa — Rua do Bomjardim, n.º 181 — 1887.

Rápido e fugitivo foi, porém, o contacto que teve com a medicina, que exerceu apenas durante três meses, em Ponte da Barca, conforme declaração sua, pois não tardaria muito que de todo a abandonasse seduzido pela atracção das letras e do jornalismo.

O Jornalista

Contribuiu para avivar esta marcada inclinação do seu espírito e a sua incipiente sensibilidade artística o selecto escol de gente moça que então vivia na capital nortenha. Ali iniciou o seu noviciado literário e para esse esperançoso grupo entrou logo, após o aparecimento da «*Folha Nova*», de que foi um dos fundadores e que tão larga influência teve na vida intelectual da cidade. À frente desse grupo conhecido pelo nome de «Cenáculo», aparecia o doutrinador do socialismo, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, que em 1874 se havia fixado no Porto a dirigir, com outros amigos,—O Barão de Kessler e H. Ellicot—, a construção do caminho de ferro do Porto à Póvoa de Varzim. Acerca deste jornal portuense, em

(1) — «*Occidente*», vol. VII — 19 de Novembro de 1939, pág. 321; vol. VIII, pags. 38, 228 e 372.

cujas colunas Queiroz Veloso iniciou a sua carreira jornalística, dizia ele na curiosa e interessante carta que em 8 de Outubro de 1936 dirigia a D. Julieta Ferrão, ilustre directora do «Museu Bordalo Pinheiro», de Lisboa:

« — Na Biblioteca Nacional não existe a colecção da «*Folha Nova*» —. Há apenas, em uma miscelânea de jornais, o primeiro número, (Segunda-feira, 29 de Maio de 1881). Nesse número colaborei em duas vezes: «*O Prémio Grande*», que saiu em quatro folhetins consecutivos; e numa secção, «*Lanterna Mágica*», que devia aparecer às segundas e quintas-feiras, com o pseudónimo de «*Vellocinus*» —. Traz também um artigo de fundo do redactor principal, Emídio de Oliveira (*Spada*), uma secção em verso, «*Ao Arrepio*, de Dedier (Joaquim Coimbra), e a «*Carta de Lisboa*», de Iriel (Jaime de Seguiér),

Fui, portanto, dos primeiros colaboradores da «*Folha Nova*» fundada por Emídio de Oliveira e Feliciano Ferreira, administrador e capitalista da empresa. O jornal era impresso na oficina tipográfica de Costa Carregal, cuja farta cabeleira loira relembro perfeitamente.

Foi num quarto do «Grande Hotel de Paris», onde Bordalo Pinheiro se hospedara, que o insigne caricaturista desenhou a página oferecida à «*Folha Nova*» e publicada em 12 de Dezembro de 1881. Pois, não obstante ter assistido a esse trabalho com Emídio de Oliveira, Feliciano Ferreira, Joaquim Coimbra e outros, não me é possível identificar todos os caricaturados. Nem a mim mesmo — ».

Em Dezembro de 1879 a Secção de Ciências Económicas da então «Real Academia das Sciências de Lisboa» abria concurso para uma memória sobre o melhor sistema de circulação fiduciária, merecendo a memória sobre este assunto apresentada por Oliveira Martins ser galardoada com a medalha de ouro, propondo ainda que o seu autor fosse admitido no número dos sócios correspondentes desta agremiação.

Em Junho de 1880 prepara-se a celebração do centenário de Camões, movimento nacional a que se associa a imprensa do Porto cujos

representantes se reúnem na redacção do «*Jornal de Viagens*», a fim de lançarem as bases da «Sociedade de Geografia Comercial do Porto», em comemoração do tricentenário do grande épico.

Queiroz Veloso, sendo ainda estudante, fora nomeado presidente da Academia do Porto quando se tratou de celebrar este acontecimento. A sessão inaugural da reunião dos representantes da imprensa, a que acima se alude, realizou-se no dia 11 de Julho, no salão nobre do Palácio da Bolsa, sob a presidência de Oliveira Martins.

A Sociedade teve um bem elaborado «Boletim», de que foram secretários Luís de Magalhães e Queiroz Veloso e redactor Joaquim de Araújo. A esta «Sociedade» pertenceram as mais notáveis figuras não somente do Porto como do país. Assim se iniciou, sob a iniciativa e a forte sugestão do grande historiador-artista, esse movimento de ardoroso patriotismo de renovação nacional que congregou, cheios de fé e entusiasmo, em volta do já então prestigioso chefe, os melhores valores da geração literária da época. Foi enorme a sugestão e influência que este movimento, o convívio com Oliveira Martins e o escol de nomes que o acompanhavam, exerceram no espírito moço e talentoso de Queiroz Veloso. Um dos primeiros actos desta «Sociedade» foi abrir um concurso cujo objecto era a elaboração de uma Memória ou estudo acerca da colonização do Alentejo e em geral da parte meridional do reino onde a densidade de população e a intensidade de produção estavam abaixo das médias normais do país. No interessante programa do concurso indicavam-se a seguir os temas sobre os quais o estudo dos concorrentes se devia exercer e demais condições impostas. Assinam este documento, datado do Porto, sala da «Sociedade de Geografia Comercial», em 20 de Outubro de 1882, os nomes seguintes: J. P. Oliveira Martins — Fernando Maya — José Maria de Queiroz Velloso —. (1)

O meu amigo Francisco d'Assis de Oliveira Martins, sobrinho do grande escritor, dá-nos circunstanciada e interessante notícia do que então ali se passou no seu bem documentado estudo: «*O Socialismo na Monarquia — Oliveira Martins e a Vida Nova*» — Lisboa — Parceria António M. Pereira — 1944.

(1) — Publicado na íntegra no livro de Oliveira Martins intitulado: «*Política e Economia Nacional*» — Porto — Magalhães e Moniz, Editores — 1885, pág. 168, nota I.

Quis ter este meu amigo a obsequiosa amabilidade de me enviar cópia de duas cartas inéditas que Queiroz Veloso escreveu a Oliveira Martins comprovativas das relações políticas e literárias que os ligaram no Porto na época a que me refiro.

A primeira dessas cartas refere-se à situação criada pela subida ao poder de José Luciano de Castro. Havia o compromisso político de Oliveira Martins entrar para aquele ministério, representando a corrente renovadora. Questões suscitadas a que largamente se refere o sobrinho de Oliveira Martins no seu citado livro levaram Oliveira Martins, por fim, a entrar naquela conciliação ministerial, a que José Luciano presidia.

A segunda carta refere-se à vinda de Oliveira Martins para Lisboa, trocando a direcção do jornal «*A Província*», pela do «*Reporter*». Veiu Oliveira Martins para Lisboa defender a causa do Poder Real fortalecido, nascendo por essa altura o grupo de «*Os Vencidos da Vida*» (1).

Silva Cordeiro em a «*Crise*» refere-se a este momento da vida política de Oliveira Martins cujo prestígio se tornou enorme.

Eis as duas cartas de Queiroz Veloso a Oliveira Martins:

Ponte da Barca
Quinta da Lage, 8/7 (1886)

Meu querido amigo

Fez ontem oito dias que eu parti de Viana para aqui, de madrugada. Pois nessa noite, encontrei o Junqueiro que, em ar de festa, me deu a notícia categórica da sua entrada no ministério.

Ia pedir-lhe um jantar que V. perdera, dizia ele, pois ganhara definitivamente a aposta. Eis a razão da minha carta, que lhe escrevi logo depois de chegado a esta aldeia.

Na verdade, como eu gritaria satisfeito e alegre: Viva o Mestre! Mas, enfim depois do que tenho lido na «*Província*» e nos outros jornais, não gritaria menos agora: — Viva o Mestre sempre — e ainda mais!

(1) — Francisco d'Assis de Oliveira Martins — «*D. Carlos e os Vencidos da Vida*», «*Correspondência de Oliveira Martins*»; «*Socialismo na Monarquia*».

Eu não sei nada como as cousas se passaram intimamente; mas, no entanto, pelo que tenho visto, pela leitura meditada da sua carta ao José Luciano, e, enfim, pela absoluta e ilimitada confiança na suprema austeridade, e na rectidão imaculada do seu carácter — eu tenho a certeza completa, formal e segura de que V. não podia proceder melhor do que procedeu.

Eu também não sei o que V. tenciona fazer agora. Seja o que for, é só mandar-me para tudo; é só dispor, como quizer, do pouco que eu valho — aí nada, aqui alguma coisa. Creia-me sempre com o maior respeito.

Adm. e a. m.^o obg.^o
J. M. Queiroz Veloso

Porto, 26/1/88

Meu q.^o Oliveira Martins

Há dez dias a esta parte, que o seu nome é o assunto obrigado de todas as conversações n'esta cidade. Nos cafés, nas redacções, nos theatros, por toda a parte enfim, só ouço referências e discussões a seu respeito; mas a verdade é que todas elas se resumem em dois pontos essenciaes que, no fundo, revelam a mesma comprehensão dos factos: o regosijo dos amigos e a inveja, o acabrunhamento dos adversários.

Quando os jornais da manhã daqui publicaram o telegrama, referente à sua entrada para a direcção do «*Reporter*», a notícia estalou como uma bomba; nos regeneradores, nos ex-republicanos, até nos nossos progressistas, houve um assombro geral, fazendo-se então desde as conjecturas mais variadas até às suposições mais idiotas. Mas quando esse *tolle* subiu de ponto, foi por ocasião de verem a attitude do jornal, depois da sua entrada. «Foi um golpe de mão de mestre» — disse-me ainda ante-ontem o Ricardo Jorge. E assim pensam unânimemente todos, contentes os amigos, despeitados e invejosos os adversários.

Por outro lado, o desafio do Elvino de Brito concordava nos mesmos resultados. Os seus próprios inimigos o acharam tolo e ridículo, por vir de quem vinha; é que o Elvino de Brito é aqui muito conhecido, em particularidades de vida, que lhe tiram toda a rígida e inflexível autoridade

moral; e além disso a declaração que fizeram os seus padrinhos, era inegavelmente mais trocista e não menos ofensiva que o artigo. É, enfim, o que muitas vezes sucede a quem, com pequena perna, se quer meter em cavalarias altas!

É, em suma, por tudo isto que lhe rendo também os meus desvaliosos, mas sinceríssimos parabéns.

A tese está quase impressa!

Peço os meus respeitosos cumprimentos para a Ex.^{ma} esposa, e que me creia sempre amigo e admirador m.^o Obg.^o

Queiroz Veloso

O escritor e jornalista Dr. Luís de Oliveira Guimarães nos seus graciosos e cintilantes comentários críticos da secção a seu cargo intitulada «*Arco Iris*», do jornal «*Diário Popular*», na benévola e elogiosa referência com que me distinguiu a propósito da sessão de homenagem a Queiroz Veloso, na Academia das Ciências, em 12 de Dezembro de 1953, ofereceu-nos a seguinte curiosa e engraçada anedocta que com a devida vénia nos é agradável aqui reproduzir e agradecer:

«Quando em Maio de 1882 se celebrou o centenário da morte do Marquês de Pombal, realizou-se no Porto um vistoso e imponente cortejo, cuja organização coube, em grande parte, a Queiroz Veloso, então ainda estudante e residente naquela cidade. Contava Luís de Magalhães que, no dia seguinte ao do cortejo, Queiroz Veloso recebera um telegrama nestes termos: — «Mil agradecimentos. És uma das minhas bombas. — Pombal». (1)

Em 25 de Maio de 1882 aparece no Porto o jornal «*A Provincia*», órgão da «*Vida Nova*». O ambiente do jornal tornara-se agradável, no dizer de Queiroz Veloso, um dos seus mais assíduos colaboradores, que ali conviveu muito com Oliveira Martins. Neste jornal publicou Queiroz

(1) — «*Diário Popular*», n.^o de 16 de Dezembro de 1953.

Veloso uma série de artigos sob os títulos seguintes: Em «*Castilla la Vieja*» (2.º ano — 1886, n.º 215, 216, 218, 222, 232, 241, 256). Notas de viagem a propósito de um passeio que dera a convite da Companhia dos Caminhos de Ferro de Salamanca, em companhia de colegas da imprensa portuense.

Versando este mesmo assunto e sob novo título «*Impressões de Viagens*», publicou outra série de artigos nos quais descreve a fisionomia geral de Madrid, as obras literárias portuguesas, quere em prosa ou em verso, que ali se têm traduzido ou adaptado: «Camões, Antero de Quental, João de Deus, Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco, Gomes Leal, Teixeira de Pascoais, Trindade Coelho, etc.

Publicou também neste mesmo jornal, 3.º ano (1887), na secção de «*Sciencias e Letras*», um conto sob o título: «*Os Alienados em Portugal*», a propósito de um projecto de lei apresentado ao parlamento sobre esses doentes. Pronunciou também uma conferência no Ateneu do Porto sobre «*A Responsabilidade dos Alienados*». No jornal «*O Repórter*», n.º 197, 1.º ano (1892), 2.ª série, publicou uma carta que dirige a Candido de Figueiredo (J. Caturra Júnior), sobre «*A Gíria*», subsídios para um «*Diccionario do Calão Português*».

A celebrada casa onde residia no Porto Oliveira Martins, as «Águas Ferreas», a que Eça de Queiroz chamava «o seu covil filosófico», marcada hoje com uma lápide, é assim descrita por Queiroz Veloso: «— era uma casa independente, abrindo para ruelas desertas com um vasto jardim e uma bibliotéca acolhedora. Aqui escreveu Oliveira Martins alguns dos seus livros mais discutidos e mais belos; aqui recebia os seus amigos, num carinhoso ambiente de intimidade, a que presidia a suave distinção de sua esposa, nas encantadoras tardes de domingos em que se versavam os mais variados assuntos. — » (Sessão Comemorativa do seu centenário, na Academia das Ciências, em 30 de Abril de 1945). Ali conheceu Queiroz Veloso, entre outros: — Antero de Quental, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Carlos Mayer, Fernando Maia, António Cândido, Carlos Lobo d'Ávila e António Feijó. A Guerra Junqueiro, com quem travara relações em Viana do Castelo, nas férias de Natal de 1882, e que ali exercia o cargo de secretário geral do Governo Civil, ligou-o estreita amizade, pois até lhe dedicou um poema em várias estrófes que está publicado no rarissimo livro «*Esparsas*», edição clandestina pelo livreiro Cruz Coutinho, do Porto, em 1886.

Guerra Junqueiro tentou recolher todos os exemplares desta obra contendo algumas poesias que repudiava, escritas à mesa dos cafés e não destinadas à publicidade. Algumas delas magoavam Junqueiro por poderem dar a quem as lesse a impressão dum poeta báquico e frescenino.

Escapou, porém, um exemplar que foi parar à Biblioteca Pública do Porto, onde se guarda na casa forte dos seus «Reservados», já mutilado, formado de 202 páginas não numeradas. (1)

Um dos poemas condenados por Junqueiro no referido volume «*Esparsas*», tem por título: — «Cantata ao correr do lúpulo» —, e é dirigido ao seu amigo Queiroz Veloso, começando:

« — Queiroz amigo
Velloso antigo
Em que te pese
Faz essa these
Faz — »

Termina o poema com os versos seguintes:

« — Vem de repente
Queiroz Virente
Velloso em flor!
Tens em Lavradas
Dez namoradas
E um regedor!!! — ».

Em 1892 Queiroz Veloso veio para Lisboa onde tinha família. Entrou para a redacção do jornal «*Novidades*», e ali teve por companheiro Armando da Silva, Eugénio de Castro e Melo Barreto, colaborando também no «*Repórter*» e no «*Tempo*».

No jornal «*Novidades*», n.º 2630 a 2635, do 8.º ano (1892), publicou uma série de artigos sob o título de: «*A Anthropologia Criminal*», a propósito do Congresso que nesse ano se realizou em Bruxelas. Neste mesmo jornal, n.º 2.847, 9.º ano (1893), publicou também um artigo inti-

(1) — Notícia publicada no jornal portuense «*O Primeiro de Janeiro*», de 31 de Setembro de 1950, na página da sua interessante secção intitulada « — Das Artes e Letras — ».

tulado: «*En los toros*», no qual descreve o curioso aspecto de uma tou-rada espanhola.

O distinto e já falecido jornalista Bourbon e Meneses, na secção que tinha a seu cargo no «*Diário de Notícias*», sob o título de «*Pedras Soltas*», dá-nos a seguinte curiosa informação, (n.º de 14 de Abril de 1947), acerca do corpo redactorial das «*Novidades*», dirigido brilhantemente por Emídio Navarro; diz ele:

« — Trindade Coelho, que ainda estudante de Coimbra começara a colaborar neste jornal, passou, já formado e em Lisboa, a fazer parte da redacção do jornal, publicando as páginas mais tarde reunidas sob o título de: «*In illo tempore*». Armando da Silva era o secretário da redacção, Queiroz Veloso, que hoje octogenário faz história, com a consciência de um erudito e a firmeza de um espírito em plena forma, respigava as murmurações da Arcada; Melo Barreto, diplomata «in «herbis», fazia o estrangeiro e os casos do dia; José Pampilho redigia com travessa desenvoltura a crónica taurina; João Saraiva, epigramático, sorria em verso; Eugénio de Castro... Não sei bem o que, como redactor das «*Novidades*», fazia Eugénio de Castro. O que sei — e não deixa de ter seu sainete referi-lo — é que o já então discutido autor de estranhos poemas era um dos redactores das «*Novidades*» a quem o cônego Abrantes mais arreliaava.

O cônego Abrantes — excelente criatura — tinha a seu cargo a administração. Pagava pontualmente todos os ordenados, mas não gostava que, pelo mês fora, o importunassem com adiantamentos. Todos, porém, lhos pediam.

Um dia carecido de 3\$000 réis, o poeta das «*Horas*» — que, por experiência, bem sabia que as há de grande apuro! — mandou por um galego ao cônego Abrantes esta súplica nefelibata:

Neste mundo desleal,
ilustríssimo senhor,
Não há bispo ou cardeal,
trapista, cura ou prior,

arcipreste ou capelão,
que não tenha por missão
derramar paz e carinhos,
abrandar todas as dores,
tornando em c'roas de flores
todas as croas de espinhos.

Sendo esta pura verdade,
Não se admire, não se espante
de me avistar neste instante
a pedir-lhe caridade.
Peço-lhe, pois, por favor
(e seja breve a resposta)
de entregar ao portador
três mil-reizinhos da costa

.....

Não acho rimas em eu,
não acho rimas em astro,
um grande abraço do seu
amigo

EUGÉNIO DE CASTRO»

Como jornalista colaborou também Queiroz Veloso, várias vezes, no «*Diário de Notícias*». Em artigo de fundo deste jornal, n.º de 6 de Agosto de 1938, publicou um interessante estudo crítico sobre o «*Iberismo*», do escritor espanhol Juan Valera, pouco afeiçoado a Portugal e estrénuo defensor da sua fusão com a Espanha. A «*Iberia*», obra deste diplomata que esteve por duas vezes exercendo cargos diplomáticos entre nós, provocou larga controvérsia na imprensa periódica de Lisboa e Porto e na «*Revue Lusitanienne*». A sua última colaboração no «*Diário de Notícias*» consta de uma série de interessantes artigos, nos n.ºs de 9, 17, 22 de Outubro e 8 de Dezembro de 1951, sob a epígrafe geral de «*Cultura Espanhola*», nos quais trata dos assuntos seguintes: «O Conselho Superior de Investigação Científica — A Cidade Universitária de Madrid — A Protecção do Livro em Espanha — O Novo Estatuto Universitário.

Estes artigos foram-lhe agradecidos e elogiados, em officio de 17 de Outubro do referido ano, pelo agregado de imprensa da Embaixada de Espanha em Lisboa, sr. Francisco Xavier Echarri. Queiroz Veloso colaborou também no jornal «*O Século*», publicando, no n.º de 28 de Novembro de 1933, um artigo de fundo sobre o filósofo, pedagogo e moralista

Montaigne, a propósito do seu 4.º centenário. Foi também colaborador da «*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*» e de outras revistas e jornais.

O jornal «*Diário de Lisboa*» publicou, em 28 de Julho de 1951, uma curiosa entrevista com Queiroz Veloso, acompanhada de oportunos e pormenorizados comentários acerca da profissão de escritor em Portugal, forçado a procurar noutra ocupação, às vezes bem inferior aos seus méritos e elevada categoria intelectual, um amparo material mais consentâneo. Esta entrevista divulga o caso de Queiroz Veloso ter sido funcionário da Companhia dos Carris de Ferro de Lisboa, desde Maio de 1895 a Junho de 1896, desempenhando o cargo de «Sub-Chefe da Fiscalização e Estatística» com o ordenado mensal de 45\$000 réis. Assim consta dos arquivos da mesma Companhia.

O Político

A sua acção como político se não é das mais importantes da sua longa vida, não deixou, todavia, de ser brilhante e honrosa para o seu nome. Ingressando na política na legislatura de 1900 filiou-se no partido regenerador sendo eleito deputado pelo círculo de Vila-Verde. Na legislatura de 1901 tomou parte na discussão de várias propostas de lei. O jornal «*Novidades*», n.º 5.193, de 6 de Abril de 1901, referindo-se à sua brilhante estreia, dizia que o deputado Queiroz Veloso «— afirmara distintamente, como orador parlamentar, finos dotes de inteligência e raras qualidades de estudo, fluência, grande eloquência de palavras e um profundo conhecimento do projecto que defendeu sobre questões coloniais. Estilo elegante e ameno, palavra fácil, voz clara, serenidade de espírito, tendo feito uma erudita dissertação acerca dos diferentes regimens de colonização —».

Quando se deu a cisão no Partido Regenerador, de que saiu o Partido Regenerador-Liberal chefiado por João Franco, o Dr. Queiroz Veloso permaneceu fiel a Hintze Ribeiro, sendo então nomeado Governador Civil do Distrito de Viana do Castelo. A forma digna e inteligente como se houve no desempenho deste cargo valeu-lhe o ser agraciado por el-rei D. Carlos com a Grã-Cruz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. Esta mercê régia provocou, segundo o relato do «*Comércio do Por-*

to», n.º de 1 de Novembro de 1952, uma das mais significativas manifestações de simpatia de que foi alvo durante a sua longa vida; os administradores de concelho de todo o distrito de Viana do Castelo adquiriram, por meio de subscrição, as insígnias e constituíram uma comissão de representantes dos diversos concelhos para as oferecerem ao ilustre agraciado. O acto foi revestido de toda a solenidade, sendo-lhe entregue, por essa ocasião, uma mensagem em que se punham em relevo as suas virtudes cívicas, morais e intelectuais. Voltou a exercer este cargo em 1906. Foi também agraciado com a Carta de Conselho.

Na monografia de Viana do Castelo que sob o título « — *Lendas e memórias históricas* — » publicou A. Lobo de Miranda, assinalam-se, entre os múltiplos e importantes melhoramentos que o Dr. Queiroz Veloso conseguiu ver realizados não só para Viana, como para todo o distrito, os seguintes: — restauração de muitos templos em ruínas que devido à sua interferência junto do Governo conseguiu obter os meios precisos para esse fim; a colocação do regimento de artilharia n.º 5 no Castelo de Santiago da Barra e a inauguração da carreira de tiro em 1903 no Monte de S. Mamede, junto de Santa Luzia, para instrução das praças de infantaria e para os atiradores civis; continuação dos trabalhos de beneficiação do porto e barra de Viana que se achavam suspensos e paralizados; foi devido à sua intervenção que o rei D. Carlos e seu irmão D. Afonso visitaram a cidade em Setembro de 1903; finalmente o impulso que deu à construção do caminho de ferro do Vale do Lima —.

A cidade ficou sempre grata aos bons serviços de Queiroz Veloso e em 6 de Abril de 1936 o « *Grupo de Estudos e Propaganda de Viana do Castelo* », participava-lhe que o elegera seu sócio correspondente.

Foi ainda deputado na legislatura de 1905 a 1908, nas quais pronunciou dois importantes discursos:

« *O Orçamento para 1908-1909 e a Situação Financeira do País — Discurso pronunciado na Camara dos Senhores Deputados na sessão de 12 de Agosto de 1908 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1908* ».

O outro discurso tem o título seguinte:

« *O Ensino Secundário em Portugal — Pronunciado na Camara dos*

*Senhores Deputados na sessão de 21 de Agosto de 1908 —
Imprensa Nacional — 1909».*

Neste discurso preconiza os benefícios que traz ao país e à consciência colectiva o seu desenvolvimento cultural, a par dos seus progressos materiais e económicos. Compara a escassez das verbas orçamentais consignadas ao país para os seus serviços de instrução pública com o que se passa nos outros países. Analisa, depois, acompanhado de elucidativos mapas, a situação dos diferentes liceus de Lisboa e dos seus professores, bem como dos professores e dos quadros dos outros liceus do país. Finalmente aprecia o problema respeitante aos livros de ensino e às verbas destinadas para aquisição de mobiliário, utensílios, material para o ensino prático, laboratórios, etc., concluindo por realçar a importância que todas as grandes nações dão à instrução secundária. Foi, depois, em 1910 para a Câmara dos Deputados, dissolvida pelo Governo Provisório da República, a cujo novo regime aderiu, filiando-se num dos seus partidos, pelo que chegou a ser eleito senador em 1918 como representante das três Universidades do País. A política, porém, não o interessou e o seu contacto e comércio com ela nunca foi o de um intransigente apaixonado. Como expressivamente disse o Prof. Dr. Caeiro da Mata se a sua acção neste campo não deixou de ser interessante ele conservou sempre, firmemente, a fidelidade à sua vocação: « — a de ensinar pela prelecção e pelo livro — ».

O Professor

Em 1895, tendo sido aberto concurso de provas públicas para professores do liceu, conforme a reforma de Jaime Moniz, Queiroz Veloso concorreu ao grupo de história e geografia, sendo colocado no Liceu Central de Évora. Nesta cidade exerceu ainda os cargos de director da «Biblioteca Pública», de professor e director da «Escola de Habilitação para o Magistério Primário», de Presidente da Câmara Municipal. Publicou relativamente a esta escola um opúsculo com o título seguinte: — *Relatório do Estado Literário e Económico da Escola Districtal de Évora — Anno lectivo de 1896-1897 — 1.º Anno — Lisboa — Imprensa Nacional — 1898 — ».*

Criada por decreto de 12 de Março de 1896 Queiroz Veloso foi naquela escola professor de pedagogia, nomeado por decreto de 3 de Setembro de 1896. No relatório a que acima se alude faz em seis capítulos, seguidos de oito elucidativos mapas, uma descrição minuciosa do edificio, mobiliário e utensílios escolares, dos seus cursos distritais e de ensino complementar, da escola anexa, do museu, da biblioteca e da direcção da escola.

No fim do ano de 1901 fora o Curso Superior de Letras transformado numa Escola de Habilitação para o Magistério Secundário e ampliado com a criação de várias cadeiras. Para elas foram nomeados os novos professores: — Dr. José Maria Rodrigues, Silva Cordeiro, David Lopes, Queiroz Veloso e Adolfo Coelho, que já ensinava Filologia Portuguesa no antigo Curso. Em Setembro de 1910 falecera o director do Curso, Consiglieri Pedroso.

Após os discursos fúnebres no cemitério do Alto de S. João, a que assistiu o Ministro do Reino, Teixeira de Sousa, foram-lhe os professores pedir que nomeasse director o seu colega Queiroz Veloso.

Pela criação da Universidade de Lisboa, em 1911, foi o Curso Superior de Letras transformado em Faculdade de Letras e fundada a Escola Normal Superior para a formação oficial dos professores liceais. Pela nova legislação os directores das Faculdades deviam ser eleitos pelo Conselho, durando o seu mandato apenas três anos; seis vezes consecutivas foi o Prof. Queiroz Veloso reeleito director da Faculdade de Letras, cargo que exerceu durante cerca de 19 anos, como foi também, por duas vezes, eleito vice-reitor da Universidade.

Na sessão de abertura da Universidade de Lisboa, no dia 16 de Outubro de 1915, ano em que pela primeira vez se celebrou a sua abertura solene, Queiroz Veloso pronunciou a oração de «*Sapientia*» versando o assunto seguinte: « — *As Universidades — Sua História — Sua Função Social* — » (Publicada na «*Atlantida*»).

Como director daquela Faculdade, dizia ele na carta que em 26 de Maio de 1929 dirigira ao Presidente da Associação Académica da mesma Faculdade, procurara sempre prestigiá-la pondo acima de tudo os altos interesses da instrução, mas sem esquecer os legítimos interesses dos alunos, que sempre considerara como amigos, como jovens camaradas.

Na sessão solene que se realizou em 1923 no salão nobre da «Faculdade de Letras» para se inaugurar a cadeira de Estudos Brasileiros,

que havia sido criada por lei de 12 de Junho de 1916, Queiroz Veloso, na qualidade de director da Faculdade, pronuncia um eloquente discurso de homenagem ao Brasil. Faz a história dessa iniciativa e das pessoas que a haviam tomado e contribuído para a sua realização, apresentando e fazendo o elogio da obra do eminente historiador brasileiro Manuel de Oliveira Lima, que fora previamente convidado a inaugurar a referida cadeira. Por último anunciou que por iniciativa de Afrânio Peixoto, presidente da Academia Brasileira de Letras, se ia criar na Faculdade de Letras de Lisboa uma cadeira de «*Estudos Camoneanos*», constituindo à sua custa o património necessário para a manutenção dessa cadeira.

Como professor o Dr. Queiroz Veloso nunca exerceu o seu mister com a fêrula tradicional, a severidade e rigor dos velhos mestres, pelo contrário, foi sempre para os seus discípulos um amigo atraente e de prudente conselho, pródigo em estímulos sem todavia ofender a justiça dos seus juízos e apreciações. A prova está nas demonstrações de simpatia e apreço que em vida lhe deram os seus discípulos, por várias vezes, e continuam a tributar à sua memória. Numa dessas reuniões dos seus antigos alunos do Curso Superior de Letras, realizada em 11 de Junho de 1949, na sala Grande da Faculdade de Letras, o Prof. Queiroz Veloso desenvolveu, numa interessante lição de primorosa elegância literária, o tema «*Expansão Portuguesa*».

Esta lição foi depois publicada na «*Revista da Faculdade de Letras*», tomo XV, 2.^a série, n.º 1 a 2, de que se tirou separata. Os mesmos alunos o saudaram quando fez 92 anos. Ainda este ano, 28 de Junho, os seus antigos alunos deste Curso não quizeram esquecer o seu antigo professor Queiroz Veloso, prestando-lhe, com vários actos, sentida homenagem: — missa e romagem ao seu jazigo no cemitério dos Prazeres, e à tarde, numa sessão solene no salão nobre da mesma Faculdade, presidida pelo Prof. Dr. Ernani Cidade, o professor Damião Peres e o jornalista Acúrcio Pereira evocaram, em três primorosas orações, alguns aspectos da vida e da obra do notável pedagogo. — Nessa sessão solene tive a honra de representar a Academia das Ciências de Lisboa.

O Burocrata

Conjuntamente com o professorado desempenhou vários cargos na

antiga Direcção Geral de Instrução Pública e no Ministério do mesmo nome: chefe da Repartição do Ensino Secundário, Superior e Especial e director Geral do Ensino Superior, que occupou distintamente durante mais de dez anos, membro do Conselho Superior de Instrução Pública.

Durante este absorvente e afadigoso período da sua carreira docente e burocrática pertenceu a mais de cento e tantas comissões, como ele dizia em conversa com o nosso eminente confrade, sr. Secretário Geral, Joaquim Leitão, pretendendo assim justificar-se e explicar o facto de só muito tarde, aos 70 anos, quando já aposentado, ter começado a publicação dos seus trabalhos e iniciado, por assim dizer, a sua tarefa de historiador.

Com efeito, assim era e algumas cartas possuo do nosso saudoso confrade pedindo-me esclarecimentos sobre documentos existentes nas colecções da Torre do Tombo que confirmam o seu intenso e absorvente labor a ponto de dizer, em uma dessas cartas, que as suas occupaões — «o faziam andar sempre num corropio de um lado para o outro —».

Um desses pedidos de informação era relativo ao célebre documento « — Declarações del Rey D. Manuel, de como se havia de governar este Reino de Portugal — » etc., declaração feita por D. Manuel a pedido das Côrtes, em carta régia, quando o príncipe Miguel da Paz foi jurado herdeiro das corôas de Portugal, de Castela e Aragão. Queiroz Veloso havia encontrado em Simancas uma cópia autêntica deste documento assinado pelo então director da Torre do Tombo António de Castilho e que este dera a Cristóvão de Moura.

Numa mensagem em pergaminho assinada por cinco professores a Faculdade de Farmácia do Porto agradecia a Queiroz Veloso as boas diligências que empregara, como director geral do Ensino Superior, para se removerem as dificuldades que a ameaçavam, participando-lhe, ao mesmo tempo, que a Faculdade tinha deliberado honrar a sala nobre do seu edificio com o seu retrato. E como estas, outras diligências empregou para que muitos assuntos fossem resolvidos com moderação, sendo muitas vezes essas resoluções conduzidas conforme os leais e prudentes conselhos e avisos da sua larga experiência.

Membro de várias Instituições e Sociedades

Sentimentos de admiração e estima lhe manifestaram sempre as

várias Instituições e Sociedades a que pertenceu, e em cuja actividade colaborou, a saber:

Instituto de Coimbra, para o qual foi eleito sócio correspondente na sessão de 10 de Dezembro de 1916. No seu boletim, vol. 70.º, (1923), publicou um estudo intitulado «*O Arquivo Geral de Simancas, sua importância capital para a história portuguesa*». Discurso inaugural da 6.ª secção da «*Associação Luso-Espanhola para o progresso das Ciências*». (Ciências Históricas, Filosóficas e Filológicas), pronunciado na sessão de 26 de Julho de 1923.

No vol. 71.º, do referido «Instituto», publicou o trabalho intitulado «*Estudos de História da Pedagogia — As Universidades Medievais*».

No primeiro destes estudos põe em evidência a riqueza de manuscritos existentes no arquivo de Simancas relativos a assuntos portugueses, onde tão importantes segredos se conservam ainda ocultos. Descreve a vila e o castelo, cenas e episódios que ali se desenrolaram e as colecções onde se encontram os mais importantes documentos relativos à nossa história.

No Congresso desta mesma Associação, que se realizou em Cádiz, em Maio de 1927, o Prof. Queiroz Veloso ocupou-se da «*Crónica del-rei D. Sebastião*» atribuída a Fr. Bernardo da Cruz. Neste trabalho prova, baseado em documentos do arquivo geral de Simancas, que o seu autor era um encoberto partidário de Filipe II e que não podia ser Fr. Bernardo da Cruz, que fora agente de Filipe II e de Cristóvão de Moura, a respeito de cuja família apresentou curiosos pormenores.

No ano de 1924, de 13 a 18 de Dezembro, celebraram-se em Madrid com grande brilho e solenidade e sob o patrocínio de Suas Magestades os Reis de Espanha, as festas comemorativas do IV Centenário de Luís de Camões.

Queiroz Veloso fez parte da Comissão de delegados portugueses a essas cerimónias como representante da Universidade de Lisboa.

Tive a honra de fazer parte desta Comissão como representante do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na recepção que se nos preparou no Ministério da Guerra, cujo ministro era o General Weiler, pude ouvir o brilhante discurso de improvisado que Queiroz Veloso ali pronunciou por ter faltado à última hora o representante do Governo Português que presidia a essa Comissão, o malogrado professor da Universidade do Porto, Dr. Leonardo Coimbra. Queiroz Veloso que fora condecorado pelo nosso

Governo, por diploma de 3 de Abril de 1920, com o grau de Grande Oficial da Ordem de S. Tiago da Espada, foi nessa ocasião agraciado também pelo Governo da nação vizinha com a Grã-Cruz de Isabel a Católica.

A «*Associação dos Arqueólogos Portugueses*» participa-lhe, em officio de 1 de Maio de 1942, que a Assembleia Geral da benemérita instituição lhe havia conferido o título de seu sócio de honra.

«*Sociedade de Geografia de Lisboa*», para a qual entrou como sócio, sob o n.º 4795, no ano de 1901, e em cuja instituição exerceu diferentes cargos: — Vice-Presidente da Secção de Geografia Física e Política, desde 1928 a 1931. Vogal da Comissão Luso-Brasileira. Presidente da Secção de História desde 1931 a Maio de 1938. Vogal da Sub-Secção de Estudos de Olivença desde 1931. Vogal da Comissão Americana. Vogal da Secção de Literatura e Presidente desta Instituição. Nos «Boletins» da Sociedade, neste longo período que a ela esteve ligado, encontra-se registo de vários discursos e trabalhos que ali publicou.

Na Assembleia Geral de 7 de Março de 1952 foi aprovada por aclamação a proposta da inclusão do seu nome na lista dos Sócios Honorários da Sociedade. O parecer justificativo desta homenagem foi publicado, com o seu retrato, no «*Boletim*» da mesma Sociedade (Janeiro a Março — 1952 — 70.^a série — n.º 1 a 3).

Acompanhou dedicadamente os trabalhos da «*Sociedade Histórica da Independência de Portugal*», para que fora eleito sócio efectivo na sessão de 13 de Novembro de 1922. Esta Sociedade desde o primeiro de Dezembro de 1861 nunca mais deixou de festejar a reconquista da nossa plena autonomia. Em uma das suas reuniões solenes o Prof. Queiroz Veloso pronunciou um eloquente discurso no qual fez, baseado em inédita documentação do Arquivo de Simancas, uma síntese admirável dos factos e sucessos que se desenrolaram nesse período amargurado e sombrio que se seguiu à desastrosa batalha de Alcácer-Kibir. Por último, na sua magnífica oração, aprecia e faz a crítica da obra de Oliveira Martins na sua «*História de Portugal*».

Foi também notável e inspirado no mais veemente e acendrado patriotismo a acção que exerceu como presidente do grupo dos «*Amigos de Olivença*», essa relíquia portuguesa acerca da qual publicou em 1932, pela Casa Ventura Abrantes, outro denodado defensor do portuguesismo daquela nossa antiga vila, uma monografia.

No «*Instituto dos Altos Estudos da Academia das Ciências de Lis-*

boa» proferiu o Prof. Queiroz Veloso, sob o mesmo tema, em 14, 18 e 21 de Junho do referido ano, três conferências. Nestas lições faz o douto académico a afirmação do direito que Portugal tem àquela antiga vila portuguesa e à sua lusitanidade concluindo com as seguintes palavras:

«Este sentimento ninguém o compreenderá melhor do que a própria Espanha que, apesar de idênticas razões morais — muito menos argumentos legais — tem cravado no seu flanco o espinho de Gibraltar».

Em 23 de Outubro de 1950, no salão nobre do «*Instituto de Coimbra*» realizou-se a sessão solene de abertura do Congresso Luso-Espanhol da Associação para o Progresso das Ciências, sob a presidência do Sr. Presidente da República e sob o patrocínio dos Ministros, dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional. O Prof. Queiroz Veloso foi nomeado presidente da 7.^a secção e a ela foi presente um trabalho do sr. Ventura Ledesma Abrantes, intitulado: «*Tradicionalismo Português na Vila de Olivença*», tóse que o presidente dessa secção largamente comentou e que, por último, foi aprovada sem opposição de portugueses e espanhóis.

Esta atitude patriótica faria dizer mais tarde ao Prof. Cordeiro Ramos no discurso que pronunciou na Academia, que o Prof. Queiroz Veloso se tornara assim o paladino ardoroso e esclarecido dos direitos que nos assistem para fazer regressar a Portugal a cidade oliventina e o mais obstinado defensor desses direitos depois das solicitações de Palmela em 1835. (Sessão Plenária da Academia das Ciências de Consagração do eminente académico e historiador Prof. Doutor Queiroz Veloso, em 23 de Novembro de 1950, pág. 19).

Tomou também parte activa nos trabalhos dos Congressos da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências que se realizaram em várias cidades de Espanha e Portugal.

Colaborou igualmente no I Congresso da «*História da Expansão Portuguesa no Mundo*», publicando no fascículo n.º 28 da obra monumental que então saíu um trabalho intitulado: «*Sob o domínio de Castela — A situação moral e política que determinou a perda da Independência — Guerra com a Holanda e Inglaterra nas colónias do Oriente e África*».

No Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na sua sessão realizada em 6 de Agosto de 1930, Queiroz Veloso proferiu uma conferência sob o título: «*O Cardeal D. Henrique — Novos aspectos da sua história*».

Em 1937 o Prof. Queiroz Veloso pronunciou no «*Instituto Francês*

em Portugal» uma conferência exaltando a obra de Gama Barros, que foi, com Alexandre Herculano, um dos criadores dos modernos estudos históricos em Portugal. As palavras de crítica e de justa apreciação que de ambos faz podem aplicar-se, com a mesma justiça, a Queiroz Veloso e por isso seja-me lícito repeti-las e transcreve-las:

« — Ambos se basearam no mais irrefragável material de documentos, verdadeiros historiadores, tanto na austera probidade das suas pesquisas, como no rigoroso escrúpulo das suas deduções; ambos mantendo a mais serena imparcialidade, não se deixando influir por sentimentos pessoais. O seu método e singular poder de análise, aliado a um seguro processo construtivo, é que dá às suas conclusões indiscutível solidez — ».

Como vemos Queiroz Veloso traçou impensadamente neste passo a sua orientação, o seu método seguro de historiador. Conservou, em toda a sua obra, a fidelidade a estes princípios.

No volume que o referido «Instituto Francês em Portugal» publicou em 1945 sob o título de «*Mélanges d'Etudes luso-marrocaïnes*» dedicados à memória de David Lopes e Pierre de Cenival, colaborou também Queiroz Veloso com um artigo consagrado ao elogio do Professor e da obra de David Lopes.

A convite do Conselho da Faculdade de Letras Queiroz Veloso proferiu um notável discurso na sessão que ali se realizou consagrada a celebrar o centenário do nascimento, a 15 de Janeiro de 1847, do grande pedagogo e filólogo Adolfo Coelho. Este discurso foi publicado na «*Revista*» da mesma Faculdade, vol. do ano de 1948 e de que se tirou separata.

A *Câmara Municipal de Lisboa* convida Queiroz Veloso, em 11 de Novembro de 1936, a fazer o elogio de Gama Barros no acto de inauguração de uma lápide na casa n.º 3 da Rua Fernandes Tomás, onde viveu o insigne e infatigável investigador da história pátria.

Em 25 de Outubro de 1942, em sessão solene no salão nobre dos Paços do Concelho, presidida pelo Chefe do Estado, Queiroz Veloso pronunciou uma conferência subordinada ao título de: «*Lisboa Através da História Portuguesa*», admirável síntese da história oito vezes secular da nossa antiga e formosíssima cidade capital do vasto império.

Fez parte, durante alguns anos, do júri de concursos de livros para o prémio Júlio de Castilho, instituído pela mesma Câmara Municipal.

A «*Agência Geral das Colónias*» convidou Queiroz Veloso, em 24 de Junho de 1942, a fazer uma palestra na «Emissora Nacional» dentro do tema «*O Império Português*».

No «*Colégio Infante de Sagres*» Queiroz Veloso proferiu também uma série de conferências sob o título de: «*O Papel de Portugal na História da Civilização*».

Na «*Casa de Entre-Douro e Minho*» durante vinte anos ininterruptos, exerceu as funções de presidente da respectiva assembleia geral e ali lhe foi feita calorosa homenagem em 1932. Colaborou também no número único comemorativo da fundação do «*Centro do Minho*», do Rio de Janeiro. Na «*Casa do Distrito do Porto*», a convite da sua direcção, fez ali uma conferência, em 1945, no acto comemorativo do 1.º centenário do Dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, que nasceu no Porto em 29 de Dezembro de 1845 e faleceu em Lisboa no mesmo dia e mês do ano de 1910.

Foi três vezes presidente do «*Rotary Club de Lisboa*» e era o decano dos rotários portugueses e um dos seus sócios mais activos.

Em 23 de Fevereiro de 1948 Queiroz Veloso pronunciou um discurso sobre o significado da comemoração da fundação do «*Rotary Internacional*» pelo advogado Paul Harris, em Chicago. Na sua interessante oração desenvolve o douto professor o pensamento que inspirou o fundador do club: — vantagens do companheirismo, reconhecimento do mérito de todas as ocupações úteis, o ideal da aproximação e entendimento dos profissionais de todo o mundo para a consolidação da boa vontade e paz entre as nações, supremo ideal da compreensão e solidariedades humanas. O mesmo «Club», recordando os bons serviços do seu antigo presidente, homenageou também Queiroz Veloso quando completou 92 anos, numa reunião em que falaram os Professores Francisco Gentil e Salazar Leite. O director da Faculdade de Letras de Lisboa agradece, em 25 de Abril de 1941, a generosa intervenção de Queiroz Veloso junto dos seus colegas, sócios deste Club, da qual resultou, na reunião de 25 de Março de 1941, a atribuição de um prémio de Esc. 1.000\$00 para galardoar o aluno mais classificado desta Faculdade.

Na sessão que este «Club» realizou em homenagem à memória de Queiroz Veloso, o sr. Dr. Raúl do Carmo e Cunha, Governador do Distrito n.º 65 (Portugal) do «*Rotary Internacional*» pronunciou um primoroso

discurso enaltecendo os serviços que Queiroz Veloso prestara àquela «Instituição», por três vezes seu Presidente, participando em muitas das Comissões, quer em postos de pouco relevo, como nos de maior responsabilidade. Referiu-se, por último, o sr. Dr. Carmo e Cunha ao papel que desempenhara no jornalismo, na política, na cátedra universitária e em outros ramos da administração pública, terminando por fazer uma síntese da sua obra de consciente e escrupuloso historiador.

Na Sociedade de Instrução e Beneficência «*Voz do Operário*» pronunciou Queiroz Veloso, em 13 de Fevereiro de 1933, data em que a benemérita sociedade comemorou o seu 50.º aniversário — Bodas de Ouro —, um interessante discurso analisando os benefícios da instrução popular.

Em 22 de Maio a direcção da mesma sociedade convidou-o a escrever um artigo no seu jornal consagrado a comemorar o aniversário da morte de Camões.

Fundou o Centro de Profilaxia da Velhice, a que presidiu, como presidiu ao I Congresso de Gerontologia promovido pelo Centro e inaugurado em 28-4-1951.

Pertencia também ao grupo onomástico dos «*Josés de Portugal*», onde gozava de muitas simpatias.

Possuía as seguintes condecorações: Grã-Cruz da Ordem da Conceição de Vila Viçosa; Grande Oficialato da Ordem de Sant'Iago; Grã-Cruz de Isabel a Católica; Grande Oficialato do Cruzeiro do Sul.

O Académico

Guardámos para último a sua notável acção como académico, que na Academia Portuguesa da História, que na Academia das Ciências de Lisboa. Era também sócio correspondente da Real Academia de História de Madrid.

Fundada a Academia Portuguesa da História, por decreto-lei n.º 26.611, de 19 de Maio de 1936, Queiroz Veloso foi nomeado académico titular fundador por portaria de 22 de Dezembro de 1937, e depois, pela reforma dos seus estatutos por decreto n.º 34.451, de 19 de Março de 1945, académico de número, (cadeira n.º 20). Em 5 de Abril de 1948 tomava posse do cargo de 1.º Vice-Presidente da Academia, que desempenhou com brilho até ao seu falecimento.

Na Assembleia Ordinária desta Academia, em 28 de Maio de 1941, leu uma comunicação intitulada: «*Sobre a batalha do Ameixial*». Na Assembleia de 26 de Novembro do mesmo ano apresentou outra sobre o título: «*Chronica d'El-Rei D. Sebastião*».

Da sua actividade nesta instituição destacaremos também a notável comunicação que fez na Assembleia Geral Ordinária de 2 de Julho de 1947 sobre D. António, Prior do Crato, proclamado rei em Santarém a que deu o título de: «*Santarém e o Prior do Crato*», estudo baseado, como os anteriores, em documentos inéditos do Arquivo de Simancas.

Por esta Academia publicou os trabalhos seguintes: — «*A Universidade de Évora*» — «*Elementos para a sua história — Lisboa — 1949*».

Este trabalho é o desenvolvimento de uma comunicação que Queiroz Veloso fizera a esta Academia e que iniciara cincoenta anos antes quando fora professor do liceu central daquela cidade e lido numa sessão solene efectuada no mesmo liceu para comemorar a sua elevação à categoria de liceu central. Além do prefácio elucidativo, os assuntos tratados e distribuídos pelos seus oito capítulos são do maior interesse para se conhecer a história da fundação do Colégio do Espírito Santo e a criação da Universidade de Évora, os seus privilégios, as suas rendas e estabelecimentos anexos, como o hospital académico e a cadeia dos estudantes, finalmente a descrição do edifício, os gerais, o colégio do Espírito Santo e o noviciado que ali fizera S. Francisco de Borja.

Em 1950 publicou por esta mesma Academia um volume intitulado: «*Estudos Históricos do Século XVI*» — contendo os dois seguintes trabalhos:

« — *A Política Castelhana da Rainha D. Catarina — O Casamento da Filha com o Filho de D. Carlos V* » —.

« — *Fr. Bernardo da Cruz e a «Chronica de El-Rei D. Sebastião»*.

No primeiro estudo que já havia sido objecto de uma comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, na sessão da Classe de Letras de 28 de Fevereiro de 1929, provou o Prof. Queiroz Veloso, servindo-se de uma opulenta documentação inédita colhida no Arquivo de Simancas, que a rainha D. Catarina, como já anteriormente disse, usara da sua influência em proveito dos interesses e das ambições de seu irmão Carlos V. Este

trabalho do douto Professor projecta intensa luz sobre um dos mais interessantes capítulos da nossa história política e diplomática do século XVI.

No segundo trabalho Queiroz Veloso descreve a acção desenvolvida por Fr. Bernardo da Cruz como agente de Cristóvão de Moura provando, pela análise dos manuscritos inéditos existentes na importante livraria da casa dos Condes de Tarouca, que não podia ser ele o autor da «*Chronica de D. Sebastião*» e cujo verdadeiro autor era António de Vaena.

Em Assembleia Geral Extraordinária, de 3 de Abril de 1950, proferiu um notável discurso sob o título: «*Comemoração do 2.º Centenário do Nascimento do Generalissimo Francisco de Miranda, da Venezuela, precursor da Independência Americana*».

Após a sua morte esta Academia tomou a seu cargo a publicação do volume: «*O Interregno dos Governadores e o Breve Reinado de D. António*», obra que Queiroz Veloso trazia entre mãos e deixou incompleta, pois que dos dez capítulos que projectava escrever apenas sete incompletos foram encontrados no seu espólio. Este trabalho deveria ser o II volume da sua colecção de estudos históricos intitulado: «*A Perda da Independência*».

Na Academia das Ciências de Lisboa

Resta-nos, por último, pôr em relevo a magnífica e fecunda actividade que desenvolveu nesta Academia desde que para ela entrou como sócio correspondente em 23 de Dezembro de 1920, mediante elogioso parecer relatado por Cristóvão Aires e assinado pelos sócios efectivos José Leite de Vasconcelos, Henrique Lopes de Mendonça, Júlio de Vilhena e David Lopes.

Em 14 de Novembro de 1929 foi eleito sócio efectivo ocupando a cadeira n.º 34 na vaga deixada pelo falecimento do ilustre marinheiro Almirante Vicente Maria de Moura Coutinho de Almeida de Eça, professor da Escola Naval e que ali regeu com brilho a cadeira de Direito Internacional Público Marítimo e História Marítima; antigo Director da Escola Colonial e Presidente da Sociedade de Geografia.

Em quase todas as sessões, após a sua entrada para esta instituição, encontramos registos da sua presença e do seu labor indefesso. Não

me permite o tempo alongar muito o relato dessa sua actividade como académico, mas por outro lado não é justo que deixe em silêncio o mais pequeno traço, o mais leve passo da sua brilhante acção como membro desta Academia e um dos mais altos valores da Casa de Lafões.

Na sessão da Classe de Letras de 13 de Março de 1924 o Prof. Queiroz Veloso, invocando a sua qualidade de director da Faculdade de Letras, presta homenagem a Teófilo Braga protestando contra a ânsia de publicar todos os papéis encontrados no seu espólio sem primeiro se fazer uma selecção inteligente desses papéis para que não fossem dar-se à publicidade coisas que podessem prejudicar a memória desse escritor, legítima glória nacional.

Na sessão da mesma Classe de 8 de Julho de 1926 participa que, em satisfação a um officio que a Academia enviara ao Ministro da Instrução, estava já feito um decreto que determinava a obrigatoriedade de todos os editores oferecerem de futuro um exemplar das suas publicações à Biblioteca da Academia.

Na sessão de 22 do mesmo mês e ano faz uma comunicação sobre uma carta inédita de *D. Francisco de Holanda* escrita a Filipe II, cujo autógrafo encontrara em Simancas. Observou que essa carta fora já publicada mas com algumas divergências, apurando o ano em que devia ser escrita e qual o filho de Filipe II a cujo retrato se refere Holanda.

Na sessão da mesma Classe de 23 de Maio de 1929 faz uma comunicação sobre a lenda e a história nas relações de Camões e *D. Francisca de Aragão*, acerca das quais obtivera conclusões definitivas. O assunto desta comunicação foi depois desenvolvido no livro que publicou sob o título: « — *D. Francisca de Aragão* — », Portucalense Editora, L.^a, MCMXXXI. Neste trabalho o Prof. Queiroz Veloso faz uma análise crítica das opiniões formuladas a respeito das lendas destes amores por Teófilo Braga e José Maria Rodrigues e os errados acertos de Storck, concluindo por julgar inadmissíveis essas hipóteses. Prova neste estudo que na época em que Camões tivesse sido empolgado, como quer Teófilo Braga, pela graça e pela beleza da esquiva camareira da Rainha, em 1545, ainda ela se não encontrava no Paço. Só em 1550 ou 1551, tendo apenas 14 ou 15 anos de idade, é que teria entrado para o serviço régio. Prova igualmente, ao contrário do que diz Storck, que *D. Francisca* não casara em 1556, mas « cinco anos depois », o que, por completo, transtorna as hipóteses que se fundavam naquela outra data.

Na sessão de 11 de Junho de 1929 faz uma comunicação abordando pela primeira vez a figura do *Cardeal D. Henrique*, assunto que foi também objecto de uma conferência no Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 6 de Agosto de 1930, e que depois desenvolveu no livro que publicou em 1946, a que adiante me refiro. (1)

Na quarta sessão comemorativa do 3.º jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, em 12 de Dezembro de 1929, pronunciava um discurso desenvolvendo o tema: «*A Dominação Filipina*». Faz uma análise crítica dos factos e sucessos que se desenrolaram nesta época e das causas que motivaram a excitação e descontentamento dos portugueses pelas violências praticadas pelos governadores espanhóis. Descreve as nefastas consequências dessa política que tantos males e danos causaram não só na metrópole como em muitas das nossas colónias ultramarinas, grande parte das quais caiu nas mãos dos holandeses. Concluiu por demonstrar que a fácil corrupção de 1578-1580 talvez não fosse possível, se desde os primeiros anos do reinado de D. João III, duplamente cunhado de Carlos V, a influência castelhana se não fizesse sentir tão poderosamente na corte portuguesa.

Na sessão de 23 de Outubro de 1930 fez uma comunicação sobre a «*Universidade de Lisboa*» — Coimbra — (1290-1537)», que, como declara, faz parte da história da Universidade que estava escrevendo por honrosa incumbência do Senado Universitário de Lisboa. Nesta comunicação o insigne Mestre procura fixar o tipo a que ela pertencia e o que foi a antiga Universidade portuguesa, durante a Idade-Média e nos primeiros alvares do Renascimento, até às reformas de D. João III.

Na sessão da Assembleia Geral da Academia de 5 de Fevereiro de 1931, pronuncia algumas palavras de elogio sobre o historiógrafo chileno Turibio de Medina, autor da monumental obra sobre Fernão de Magalhães.

Na sessão inaugural do «*Instituto de Altos Estudos desta Academia*» criado sob proposta e iniciativa do nosso eminente confrade Prof. Moses Amzalak e unânimemente aprovada na Assembleia Geral de 25 de Junho

(1)—Publicada na revista «*Biblos*» da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. VI, N.ºs 9-10. Págs. 513-527 e 1930.

de 1931, o Prof. Queiroz Veloso inscreveu-se para fazer um curso sobre o título «*Como perdemos Olivença*», lições que foram reunidas no opulento e ponderoso volume que se publicou em 1939 e a que já anteriormente me referi.

Na sessão da Classe de Letras de 16 de Julho de 1931 faz uma conferência sobre «*A Educação e a Saúde de El-Rei D. Sebastião*».

Neste interessante e, como todos os outros, bem documentado estudo, descreve-nos Queiroz Veloso a precoce inteligência do jovem monarca, as influências que nela exerceram a educação que o aio e sobretudo o mestre lhe ministraram, e essa rebelde e persistente doença que aos onze anos lhe aparecera e de que nunca deixou de sofrer.

Na sessão da mesma Classe de 14 de Abril de 1932 ocupa-se do tema: « — *Os Malogrados Casamentos de El-Rei D. Sebastião* — » descrevendo-nos, com os costumados pormenores, a pouca confiança que Filipe II tinha na aptidão matrimonial de D. Sebastião e a relutância deste em abordar este assunto, o que faria dizer ao embaixador espanhol na informação que transmitia a Filipe II « — que falar-lhe em casamento era falar-lhe na morte — ».

Na sessão da Classe de Ciências, em 21 de Julho de 1932, ao voto de sentimento proposto pelo presidente, Prof. Egas Moniz, pela morte do sócio efectivo José Joaquim Nunes, director da publicação: «*Dicionário da Academia*», Queiroz Veloso, como membro da 2.^a classe, associa-se a esse acto fazendo uma resenha do labor científico do sócio falecido.

Na sessão da Classe de Letras, em 17 de Maio de 1934, Queiroz Veloso faz uma comunicação sobre «*A Naturalidade de Fernão de Magalhães*», analisando desenvolvidamente os documentos que em abono das várias hipóteses do lugar do seu nascimento têm aparecido, alguns de falsidade incontestável, que confrontou com os documentos autênticos existentes no Arquivo das Índias, em Sevilha. Concluiu por defender e aceitar a opinião já expressa pelo nosso erudito confrade Dr. António Baião que atribui a naturalidade do grande navegador à região minhota da Terra da Nóbrega e na Ribeira Lima, presumivelmente em Ponte da Barca, terra de sua família. Faz, depois, a biografia do grande navegador evocando os mais importantes passos da sua vida, a sua inclinação para as empresas mercantis, abordando o problema da sua suposta traição, que aprecia com elevada e serena imparcialidade. Refere-se aos seus conhecimentos náuticos, à sua arrojada viagem de circunnavegação e às consequências que

desse importante feito advieram para a ciência e para a história da civilização.

No ano de 1937 o «Instituto para a Alta Cultura», convidara o Prof. Queiroz Veloso a colaborar no número especial que a «*Revue d'Histoire Moderne*» de Paris, ia consagrar à história da expansão portuguesa no Mundo. Daqui o opúsculo que o douto Prof. publicou, em Setembro de 1939, na dita «*Revue*» sob o título: «*Fernão de Magalhães, Sa vie et son Voyage*», publicado em vernáculo pelo próprio autor na revista «*Ocidente*» (de Janeiro a Junho de 1941) e depois em separata ilustrada por várias gravuras. Deste trabalho publicou a revista «*Estudos Italianos em Portugal*» uma larga síntese e erudita apreciação crítica, no número 7-8, aparecido em 1943, da autoria do Sr. F. F. Lopes.

Na sessão da mesma Classe de Letras, em 14 de Fevereiro de 1935, Queiroz Veloso apresenta uma bem fundamentada proposta para que a Academia realize uma sessão especial consagrada a *Lope de Vega* e para que se convide a Biblioteca Nacional, por essa época, a efectuar uma exposição de todas as obras deste poeta dramático espanhol, ou que a ele particularmente se refiram. Para comemorar o ciclo das solenidades comemorativas do terceiro centenário de Lope de Vega veio a Lisboa proferir duas conferências o catedrático espanhol D. Américo de Castro, acerca do qual Queiroz Veloso, na sessão extraordinária da Academia, em 16 de Maio do mesmo ano, proferiu um discurso exaltando a personalidade deste ilustre professor. Na sessão plenária extraordinária de 12 de Dezembro seguinte, consagrada à comemoração do grande poeta castelhano, é Queiroz Veloso quem pronuncia o seu elogio.

Na sessão da Classe de Letras em 9 de Maio de 1935 o presidente cumprimenta Queiroz Veloso pelo aparecimento do seu livro, «*D. Sebastião — 1554-1578 —*», obra que já conta três edições, traduzida em espanhol por Ramon Garciasol, Espasa, Calpe, Madrid.

É uma das mais notáveis obras de Queiroz Veloso, com 3.^a edição revista e aumentada e saída dos prelos em 1945 e que mereceu o prémio do Secretariado Nacional de Informação.

Neste trabalho a figura do moço rei é descrita desde os 4 anos em todos os aspectos da sua vida, da sua educação, do seu carácter autoritário, impulsivo e voluntarioso, da sua doença e das trágicas consequências que resultaram dos sucessos em que foi protagonista. Nesta obra apoiada em copiosa documentação pacientemente recolhida, principalmente no

velho e importante arquivo de Simancas, o autor resolve problemas, desfaz erros e inexactidões, esclarece factos que até ai andavam romanceados, refuta a opinião de certos historiadores que julga e prova estarem assentes em pura fantasia, define a attitude, a expressão viva de certos personagens, numa palavra, faz uma verdadeira reconstituição histórica dessa época. Nos dez substanciosos capítulos desta obra Queiroz Veloso afirma-se no paciente trabalho de investigação, no espírito crítico, no método e imparcial observação dos materiais recolhidos, um verdadeiro e moderno historiador.

Na sessão plenária de 6 de Junho de 1935 a Academia nomeia Queiroz Veloso e o académico General Teixeira Botelho como seus delegados à «Comissão dos Arquivos Diplomáticos do Ministério dos Estrangeiros». É da autoria de Queiroz Veloso a proposta largamente fundamentada que apresentou na sessão da Classe de Letras, de 17 de Junho de 1935, para que a Academia comemorasse o 4.º centenário do fundador do teatro português «*Gil Vicente*», glória mundial da literatura portuguesa, proposta que a Classe aprovou e calorosamente aplaudiu.

Queiroz Veloso havia já publicado dois interessantes estudos sobre o notável poeta dramaturgo, o primeiro sob o título: «*Gil Vicente (Fundador do Teatro Português)*». A sua Vida e as suas Obras. In «*História da Literatura Portuguesa Ilustrada*» 1928.

Abre o notável estudo pela bibliografia; edição das obras de Gil Vicente; parafrases e adaptações; traduções; obras a consultar.

Entrando no assunto do seu estudo analisa o problema da incerta naturalidade de Gil Vicente; data do seu nascimento; cargos e officios que exerceu procurando resolver e aclarar vários pontos obscuros da sua vida. Aborda, em seguida, a chamada «questão vicentina», se o fundador do teatro português e o lavrante da custódia, feita com o ouro das páreas, pagas pelo rei de Quiloa, e doada por D. Manuel, em testamento, ao mosteiro de Santa Maria de Belém, são um único indivíduo ou dois homónimos. Alude depois ao seu nascimento numa terra da provincia, aos seus primeiros estudos da nossa língua e de gramática latina; à sua leitura de livros castelhanos, os quais enumera; ao seu casamento e descendência; finalmente aludindo aos três períodos da evolução dramática de Gil Vicente analisa o entreocho de cada uma das suas peças de teatro num estudo crítico que acompanha de profusas notas e eruditas informações históricas e

bibliográficas. Em 1938 publicou novo estudo sobre: «*Gil Vicente, poeta e ourives*», conferência realizada no serão vicentino do Teatro Nacional Almeida Garrett, em 23 de Maio de 1913.

Neste estudo, depois de nos traçar um sugestivo quadro histórico da época de D. João III, passa em revista e coteja as diversas opiniões dos escritores e investigadores que se têm ocupado de Gil Vicente acerca da dualidade que se tem apresentado entre Gil Vicente poeta e ourives; analisa especialmente a opinião de Brito Rebelo, que se inclinava e defendia a qualidade do lavrante da custódia e do poeta, e a de Braamcamp Freire, que defendia a identidade do poeta e do ourives, para a qual Queiroz Veloso se inclina.

Na sessão da Classe de Letras de 11 de Julho de 1935 faz uma curiosa comunicação sobre um singular caso de histerismo de Antónia de Goes, noviça de um mosteiro de religiosas dominicanas, que permanecera mais de 30 dias sem comer, nem beber, nem exercer qualquer outra função orgânica natural, dormindo também pouco ou nada. Este estranho caso é documentado pela correspondência diplomática dos embaixadores espanhóis em Portugal, que se guarda no Arquivo de Simancas.

Na sessão da mesma Classe, em 31 de Outubro de 1935, consagrada à memória do Prof. Bento Carqueja, Queiroz Veloso, lembrando ter sido seu condiscípulo, pronunciou uma oração repassada de sentimento e emoção e enaltecendo a sua obra.

Na sessão da mesma Classe, em 11 de Junho de 1936, faz o discurso de saudação do novo sócio correspondente Sanchez-Albornoz, embaixador da Espanha em Portugal, cuja obra já apreciara no parecer de que fora relator apresentado na sessão da mesma Classe de 6 de Maio anterior.

Na sessão da Classe de Letras de 29 de Outubro de 1936, em homenagem à memória de Rui Barbosa, faz o elogio deste eminente brasileiro.

Na sessão da mesma Classe, em 17 de Março de 1937, Queiroz Veloso pondo em destaque a utilidade dos prémios científicos e literários, presta homenagem à memória de Ricardo Malheiros e ao seu exemplo de elevada significação espiritual e patriótica.

Na sessão plenária de 7 de Abril de 1938, a Academia das Ciências de Lisboa resolvera prestar o seu concurso à patriótica iniciativa da dupla comemoração, no ano de 1940, dos grandes centenários da fundação

e restauração de Portugal. A 16 de Junho seguinte, reunida de novo em sessão plenária, a fim de estudar o plano da sua contribuição para estas comemorações, aprovou, por unanimidade, uma moção do seu Presidente. Nessa moção largamente fundamentada propunha-se que a Academia iniciasse os trabalhos de organização e elaboração do inventário bibliográfico geral da Nação, desde os primeiros incunábulo portugueses até à actualidade, compreendendo nótulas de simélio mais importantes, em especial dos paleótipos, e a indicação das bibliotecas públicas ou particulares, nacionais ou estrangeiras, onde se encontram, obra a publicar em edição monumental e ilustrada, sem compromisso de prazo. O Prof. Queiroz Veloso é nomeado director da Comissão encarregada de organizar e elaborar esta Bibliografia.

No 1.º volume, saído da Imprensa Nacional em 1941, precedido de uma elucidativa Introdução, inicia-se a bibliografia dos livros impressos até ao fim do século XV, merecendo cada um desses espécimes ao director da publicação notas e comentários, estudo admirável pela meticulosidade da sua apreciação e riqueza de seguros elementos informativos. Junte-se a tudo isto uma grande profusão de gravuras, de marcas de água (filigranas) dos incunábulo portugueses e seus impressores, um índice das bibliotecas e arquivos onde se guardam, um índice toponómico e um índice geral, para se avaliar do admirável labor e fervoroso entusiasmo a que se consagrou Queiroz Veloso para que a obra fosse digna não sòmente do País e da Academia das Ciências, mas outrosim pudesse ser útil a quantos, em todas as nações cultas, se interessam por estes assuntos.

No 2.º volume, saído dos mesmos prelos em 1944, são descritas as obras de autores portugueses, publicadas no estrangeiro durante o século XV, precedido também de uma erudita e elucidativa introdução, com profusas notas e elementos informativos acerca dessas espécies, seus autores e descrição das edições subsequentes. A introdução termina com os agradecimentos de Queiroz Veloso não sòmente aos seus dedicados colaboradores, como também a outras pessoas e instituições pelas facilidades concedidas para a boa realização desse notável empreendimento que a Academia está a levar a bom termo e que logrou já alcançar uma projecção além das fronteiras da Pátria.

Esta tarefa, após a morte de Queiroz Veloso, foi confiada à competente direcção do nosso erudito confrade Dr. António Baião.

Na sessão plenária extraordinária de 24 de Junho de 1939 tratou do «*Vocabulário Ortográfico*» elogiando a colaboração e os serviços do académico Prof. Rebelo Gonçalves.

Queiroz Veloso fez também parte da Comissão sobre o acordo ortográfico com a Academia Brasileira de Letras e colaborou no «*Dicionário etimológico e histórico da língua portuguesa*».

Na sessão da Classe de Letras de 12 de Junho de 1941 de homenagem ao Brasil, Queiroz Veloso saúda este país, a mais bela criação de Portugal, o nosso orgulho como povo colonizador, aludindo à expansão da nossa língua por todas as partes do mundo, cujas belezas e segredos exalta.

Na sessão da Classe de Letras de 12 de Fevereiro de 1942 profere o elogio do Prof. e sócio efectivo José Maria Rodrigues pondo em relevo as suas altas qualidades dialéticas e de humanista e a sua obra sobre as «*Fontes dos Lusitadas*».

Na sessão plenária extraordinária de 19 de Fevereiro de 1942 profere algumas palavras relativas à política interacadémica luso-brasileira a propósito de ter sido adoptado pelo governo brasileiro o «*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*».

Na sessão da mesma Classe de 28 de Maio seguinte fez o elogio do sócio correspondente Vasconcelos Abreu, introdutor dos estudos sanscritológicos em Portugal.

Na sessão da mesma Classe de 25 de Março de 1943 faz Queiroz Veloso a leitura do seu trabalho sobre a obra de Arturo Farineli, da Reale Accademia de Itália, intitulada: «*Viagens por Espanha e Portugal desde a Idade-Média até ao século XX*».

Na sessão da Classe de Letras de 11 de Novembro de 1943 Queiroz Veloso pronunciou o elogio académico do insigne arabista Prof. Dr. David Lopes, fazendo um estudo crítico da sua obra tanto no campo da História como no da Filologia e do seu notável labor no liceu de Lisboa, no antigo Curso Superior de Letras e depois na Faculdade de Letras.

Na sessão comemorativa do centenário de Oliveira Martins, em 30 de Abril de 1945, Queiroz Veloso pronunciou um notável discurso sobre a figura do insigne e incomparável historiador artista Oliveira Martins, discurso brilhantemente comentado pelo Prof. Rui Ulrich e o Presidente da Academia Dr. Júlio Dantas, que se deteve na análise das acusações

que em geral se formulam contra o historiador-artista que nos deixou monumentos de história, verdadeiras obras primas de literatura.

Na sessão plenária de 30 de Maio de 1946 a Academia felicita Queiroz Veloso por ter sido condecorado pelo Governo Brasileiro, com a medalha: «Praemium Benemerentium».

Na sessão da Classe de Letras de 13 de Junho de 1946 pronuncia palavras de saudade a respeito do académico correspondente espanhol D. Felix de Llanos y Torriglia, a cuja obra se refere.

Na sessão plenária de 5 de Dezembro de 1946 profere um discurso no acto da eleição do Prof. Egas Moniz para académico de mérito, enaltecendo a obra deste eminente homem de ciência.

Na sessão da Classe de Letras de 23 de Janeiro de 1947 a Classe congratula-se com a publicação da obra de Queiroz Veloso, a que anteriormente me referi: «*O Reinado do Cardeal D. Henrique — A Perda da Independência*» — 1946. Volume I.

Nos dez capítulos desta obra Queiroz Veloso corrige erros de datas na obra de D. Alfonso Danvila y Burguero sobre: «*Don Cristobal de Moura, primer Marqués de Castel Rodrigo*», na «*Chronica D'El-Rei D. Sebastião*» atribuída a Fr. Bernardo da Cruz, na data em que se realizou a proclamação e do discurso do cardeal, finalmente corrige o erro na data respeitante às solenes exéquias que se celebraram em memória de D. Sebastião.

Tratando no capítulo II das ambições de Filipe II e dos primeiros actos do Cardeal-Rei repõe a verdade dos factos acerca de Filipe II e Cristovão de Moura e das apreciações acerca do procedimento de Pedro de Alcaçova Carneiro; corrige erros que notou na «*Colecion de documentos inéditos para la história de España*» em confronto com os originaes existentes no Arquivo de Simancas. No capítulo IV, tratando da acção corruptora de Cristovão de Moura, nota vários erros de Burguero e põe em relevo a imparcialidade do Cardeal quanto aos pretendentes provando que ele era absolutamente contrário às ambições de Filipe II.

As negociações do monarca espanhol com o Cardeal-Rei constituem o assunto do capítulo IX desta bela obra, capítulo que é inteiramente baseado e esclarecido por correspondência inédita do Arquivo de Simancas, que copiou e consultou.

Refere-se à cifra usada na correspondência entre Cristovão de Moura, Duque de Ossuna e Filipe II. Analisando e cotejando o que Rebelo

da Silva escreveu no tomo I da «História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII», publicado em 1869, com a «*Colecion de Documentos Inéditos para la História de España*», de que já tinham aparecido mais de trinta tomos, nota-lhe algumas confusões o que lhe faz dizer, no juízo crítico que acerca deste historiador formula, que não obstante os seus valiosos estudos sobre alguns aspectos do estado económico e social da monarquia no meado do século XVII, lhe faltavam certas condições que eram de exigir: — aquela condição de investigador meticoloso, aquele atributo do verdadeiro historiador, que se não contenta com a aparência das cousas, a quem não basta um só caso para tirar uma ilação, nem um documento, muitas vezes lido superficialmente, para fundamentar uma conclusão apressada».

O volume II desta obra em que estava afanosamente trabalhando, segundo ele dizia no prefácio dos seus «*Estudos Históricos do Século XVI*», e que devia intitular-se « — O Interregno dos Governadores — » já, infelizmente, não chegou a sair dentro do espaço de um ano que ele marcava no agradecimento que na sessão a que aludi dirigia às congratulações dos seus confrades da Academia. Vai ser publicado pela «Academia Portuguesa da História».

Na sessão da Classe de Letras de 26 de Junho de 1947 Queiroz Veloso ocupa-se do «*Arquivo de Simancas*», onde estivera dezassete vezes, descrevendo a povoação medieval, o castelo, o primeiro arquivista e as secções onde estão incluídos os documentos portugueses.

A Classe pôs em relevo e salientou o esforço e a tenacidade que o douto académico empregara na benemérita exploração e fez votos pela publicação do seu «*Inventário dos documentos portugueses existentes nesse Arquivo*».

Na sessão da mesma Classe, em 26 de Fevereiro de 1948, Queiroz Veloso versou o tema do seu novo livro «*A Política Castelhana da Rainha D. Catarina D'Áustria*», que vem incluído no volume que publicou pela Academia Portuguesa da História sob o título «*Estudos Históricos dos Séculos XVI e XVII*», a que já anteriormente me referi.

Na sessão da mesma Classe de 13 de Janeiro de 1949 faz uma comunicação intitulada «*Um problema histórico*», último capítulo deste seu referido livro. Neste capítulo procura resolver, em face de interessantes documentos inéditos, o problema e a interrogação que se fazia, à qual

Frei Luís de Sousa nos «*Annaes de El-Rei D. João III*» não soubera responder, sobre os motivos que levaram os monarcas portugueses a opor-se tenazmente a que D. Francisco de Borja, já Duque de Gandia, e a Duquesa sua esposa, fossem ocupar os altos cargos de mordomo-mór e de camareira-mór da princesa D. Maria, para que haviam sido nomeados pelo imperador Carlos V.

Na sessão plenária de 22 de Dezembro de 1949, comemorativa do nascimento de Hintze Ribeiro, Queiroz Veloso faz o elogio deste estadista.

Na sessão solene de 20 de Maio de 1950, na sala «*Brasil*» da Academia para a recepção do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Dr. Gustavo Barroso e se lhe fazer entrega da Grã Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada e das «Palmas de Ouro» que a Academia lhe conferira, Queiroz Veloso pronuncia um brilhante discurso sobre a obra e a biografia do eminente escritor brasileiro.

A Doença

Entretanto, depois de tanto labutar, como temos visto, a saúde de Queiroz Veloso uma vez ou outra começava a enfraquecer.

Na tarde de 23 de Novembro de 1950 realiza-se no salão nobre da Academia a sessão plenária consagrada a festejar os noventa anos de idade do laborioso académico e historiador, que por motivo de doença não pode assistir e de quem o Sr. Secretário Geral, Joaquim Leitão, leu uma comovida carta que a seguir se publica.

Palavras de agradecimento do Senhor Prof. Queiroz Veloso:

«A inolvidável homenagem que a Academia das Ciências de Lisboa hoje prestou aos meus noventa anos, pelo prestígio da instituição que a promoveu e pelo alto valor dos oradores que nela tomaram parte, pode julgar-se o esplêndido fecho duma longa existência ao serviço da Nação.

Eu, porém, considero-a ainda um carinhoso estímulo para levar a cabo a minha obra, concluindo no pouco ou muito tempo que Deus me conceda de vida, o segundo volume da «Perda da Independência», trabalho sobremaneira espinhoso, pela época em que decorre e cujo lema será o de todos os meus livros:

A História é a Verdade: ou não é História:

Como a doença me não permite assistir à sessão e agradecer aos oradores as suas generosas palavras, peço ao querido amigo Joaquim Leitão, eminente Secretário Geral da Academia, lhes signifique, assim como a quantos, com a sua presença, se associaram a esta homenagem, o meu profundo e fervoroso reconhecimento.

A todos, muito e muito obrigado».

(a) *Queiroz Veloso*

À sessão presidiu o Prof. Dr. Caeiro da Matta, presidente da Classe de Letras, no impedimento por doença do presidente da Academia Dr. Júlio Dantas, de quem foi lida uma carinhosa carta de saudação, tomando lugar na mesa o Prof. Dr. Marcelo Caetano, como representante da Academia Portuguesa da História. Proferiram elogiosos discursos os Professores: Gustavo Cordeiro Ramos, Ruy Telles Palhinha e Caeiro da Matta.

Já muito doente, mas ainda lúcido de espírito, pôde preparar nova comunicação para a Academia que infelizmente devia ser a última. Esta comunicação foi lida pelo Sr. Secretário Geral, Joaquim Leitão na sessão plenária, em 6 de Novembro de 1952, seis dias após o falecimento do nosso malogrado confrade, versando o assunto seguinte:

Quando D. Henrique excluiu definitivamente o Prior do Crato, D. António, do direito de sucessão, requereu ao Papa Gregório XIII o nomeasse juiz da legitimidade do sobrinho, « — Em processo sumário — ». Depois do processo concluído foram nomeados nove assessores, e em 28 de Agosto de 1570 foi publicada a sentença do Cardeal-Rei, considerando o sobrinho filho ilegítimo do infante D. Luís. Ora foi este processo que em certa altura passou do Arcebispado de Lisboa para o Arquivo da Casa Alba, explicando Queiroz Veloso este facto, com visos de evidente probabilidade, da forma seguinte: Governador de Portugal, o Duque de Alba, após a batalha de Alcântara, teria mandado buscar ao arcebispado o processo, na intenção de o devolver oportunamente. Não o teria, porém, feito; e quando morreu — D. Fernando Alvarez de Toledo faleceu em Lisboa, no Paço da Ribeira, em 8 de Janeiro de 1582 — encontrado entre

os papéis do Duque o processo seria considerado seu e enviado para Madrid. O actual Duque de Alba, D. Jacobo Fitz Stuart y Falcó, presidente da Real Academia da História de Madrid e historiador notável, conhecendo, portanto, a importância que o processo tem na vida do Prior do Crato, e, portanto, na história de Portugal, não teria dúvida, num gesto de larga e conscienciosa generosidade, em oferecer ao governo português o processo, para que ele desse, finalmente, entrada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que é o seu verdadeiro lugar. Tal era a sugestão de Queiroz Veloso. A esta sugestão respondeu, mais tarde, o Duque de Alba, oferecendo à Academia, na sessão plenária de 6 de Novembro seguinte, um longo documento intitulado:

« — *El proceso de ilegitimidad de D. António, Prior do Crato y su resistencia contra Filipe II* — ».

A Morte

Precisamente nesta mesma sessão o Sr. Presidente Dr. Júlio Dantas referindo-se ao luto da Academia pelo passamento de Queiroz Veloso tributava à sua memória preito de convicta admiração e infinita saudade a que se associaram diversos académicos.

O nosso saudoso confrade falecera no dia 31 do mês anterior, Outubro de 1952, com 92 anos de idade, na sua modesta casa da Rua Nova da Piedade, n.º 47. Morreu, pois, nonagenário parecendo ter-se cumprido a singular e estranha profécia narrada pelo jornal «*Novidades*», de 1 de Novembro de 1952, e que um cigano lhe fizera na feira de Ponte da Barca, a respeito dos anos que poderia viver.

Não usou esse cigano o processo costumeado de ler a sina na palma da mão, mas por meio de um pássaro que trazia consigo numa gaiola e com o bico tirava de um cesto um de entre muitos papeliños enrolados. Queiroz Veloso quiz conhecer a sua sina. O pássaro ofereceu-lhe um pequeno rectângulo de papel onde, entre outras coisas, se lia: «Não morrerás antes de 92 anos».

Em 26 de Agosto do ano do seu falecimento os seus amigos foram visitá-lo a sua casa, e felicitá-lo pelo seu 92.º aniversário. Nessa ocasião referiu Queiroz Veloso uma vez mais a estranha predição acrescentando:

«A sina não me dava apenas 92 anos de vida; esta idade é um simples limite *mínimo*, que eu precisava de ultrapassar porque ainda tenho muito que escrever».

Enganou-se o Prof. Queiroz Veloso nos seus vaticínios optimistas, acrescenta o articulista! Uma pertinaz afecção de rins que degenerou em paralisia renal, em breve o havia de vitimar. Infelizmente, no fim de Outubro seguinte, veio o crepúsculo, a derradeira pulsação da vida que se lhe confundiu com a extrema centelha do espírito. Aos últimos momentos que foram lúcidos e se extinguiram como a luz bruxoleante de uma candeia que se apaga, assistiram as pessoas de família, sua esposa, D. Adriana Osler Queiroz Veloso e suas filhas D. Maria José Queiroz Veloso Mendes Ribeiro, D. Maria Rita de Queiroz Veloso Piçarra, e seu genro, sr. Prof. Dr. Joaquim Mendes Ribeiro, que sempre o acompanharam com extremos de carinhosa dedicação, não lhe faltando também a assistência e as consolações espirituais do Prior das Mercês, a freguesia da sua residência.

Todas as instituições a que pertencia e onde colaborara manifestaram o seu profundo pezar pelo seu desaparecimento.

Permito-me destacar as comovidas expressões de sentimento que a Câmara Municipal de Barcelos dirigiu à sua viúva e que a seguir se publicam:

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS

N.º 2.248

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Barcelos, 3 de Dezembro de 1952

Ex.^{ma} Sr.^a D. Adriana de Queiroz Veloso

Rua Nova da Piedade, 47 — Lisboa

Para cumprimento do que por esta Câmara Municipal foi deliberado, tenho a honra de transcrever o seguinte, constante da acta da reunião ordinária de 5 de Novembro último:

«DOUTOR QUEIROZ VELLOSO — O Sr. Presidente apresentou a seguinte proposta, que, depois de apreciada, foi aprovada por unanimidade :

«No dia 31 do mês passado faleceu em Lisboa, onde residia, o insigne Professor Doutor José Maria de Queiroz Velloso, que ao Ensino e à História Pátria deu toda a sua vida de incansável investigador, sempre animado por excepcionais méritos, altas qualidades de inteligência e preciosa cultura.

Deixa obra notável que muito veio enriquecer o património histórico-cultural da Nação Portuguesa. Mercê do seu valor e excelentes serviços ocupou altos cargos e a sua influência fez-se também sentir no campo político onde desempenhou elevadas missões.

«A sua falta é, pois, justamente sentida em todo o País. No seio deste Município tal sentimento assume particular feição, porque o Professor Doutor José Maria de Queiroz Velloso nasceu em Barcelos. Tal honroso acontecimento para nós era contudo estranho à população barcelense que o desconhecia, e deve ser muito reduzido o número daqueles que possuíam, em Barcelos, essa certeza.

«Nunca de tal houvera publicidade e da parte do ilustre barcelense, por nascimento, nenhuma manifestação revelara essa ligação efectiva.

«Deu a imprensa a conhecer (Vide «O Século» de 1 de Novembro de 1952) que fora accidental o seu nascimento na nossa terra, ocorrido em 26 de Agosto de 1860, por ocasião de uma visita que sua mãe fizera ao sogro, então Juiz desta Comarca. O que sei, por intermédio também da imprensa, o Ilustre finado estivera há pouco no Minho, e passou por Barcelos para visitar a terra e a casa onde nascera. Certo é que nos últimos dias da sua longa e ainda brilhante existência, Barcelos mereceu a honra e o carinho da sua visita, e se nos olhos a buscou é porque a tinha bem presente no coração, naquele especial amor que sempre nos prende à terra onde nascemos.

«Não podia, pois, passar despercebido nos anais da vida municipal o nome de tão distinto barcelense e muito menos deixar de exarar o sentido pesar desta Câmara Municipal, pela perda de tão honrado e ilustre portugueses.

«Proponho que este voto de pesar, transcrito em acta, seja participado à sua Ex.^{ma} Família.

«Mais proponho que, em ocasião oportuna, depois da necessária averiguação, a Câmara mande colocar uma lápide na casa onde nasceu tão insigne português, com a inscrição que tal homenagem requere» —.

A bem da Nação
O Chefe da Secretaria

* * *

Queiroz Veloso morreu pobre. Para ele e na longa caminhada da sua vida nunca entraram cálculos interesseiros, com sacrifício e menosprezo da sua vida económica e material. Sobejaram-lhe as consagrações, as amizades e as honras, mas não os bens de fortuna. Na sua modestíssima casa da Rua Nova da Piedade, uma Tebaida de eremita, quase, reflectia-se a mais espartana simplicidade.

Assim viveu, com efeito, Queiroz Veloso, de onde tristemente se conclui, no conceito do grande romancista inglês William Tackeray, que a literatura nem é officio nem profissão lucrativa, mas sim, ... uma verdadeira desgraça!

Razão tinha também o «Cavaleiro de Oliveira», quando dizia, com aquela filosófica ironia, às vezes irreverente e zombateira, que havia uma fraternidade da ciência com a miséria, acrescentando noutro passo que as dracmas, e todas as mais espécies semelhantes de moeda que correm pelo mundo com o nome de dinheiro, fogem dos oradores, dos poetas e dos retóricos. (1)

Desta lista certamente não estão excluídos os historiadores, pelo menos aqueles que, como Queiroz Veloso, se absorvem na sua árdua tarefa e a ela se consagram completamente alheios aos seus interesses materiais.

Teve a sua viúva o gesto simpático de escrever uma comovida carta ao Sr. Presidente da Academia, Dr. Júlio Dantas, em cumprimento da última vontade de seu marido, oferecendo à Academia um busto em

(1) — *Cartas* — Selecção, Prefácio e Notas de Aquilino Ribeiro — Ed. Sá da Costa, págs. 99 e 184.

bronze do egrégio historiador, esculpido por Martins Correia, único legado que fez.

Pudesse esse busto evocativo e que tão flagrantemente nos mostra os seus vincados traços físicos, pudesse esse busto, digo, exteriorizar, dar também realce e forma ao seu perfil moral, esse conjunto de qualidades, esse raro dom de criar amigos e de irradiar simpatia. Tudo isto este busto não traduz, mas aviva-nos e dá-nos a forte sugestão de estar vendo a sua figura: — baixo, forte e entroncado, pescoço curto, tez clara que mais sobressaía ultimamente na palidez da doença, longo nariz, olhos azuis, largos, profundos que davam à sua fisionomia suavemente sorridente uma atraente e acolhedora bondade; maneiras desataviadas e afáveis; voz branda, calma, lenta, que lhe saía fácil numa dicção timbrada com ligeiro sotaque minhoto, como um arroio que desliza transparente e sem esforço. Todo este admirável conjunto de predicados morais e físicos, de privilegiados dotes que tanto o impunham à nossa simpatia, o seu busto nos recorda.

Perante ele me curvo reverente!

Saudando as pessoas de sua Família, aqui presentes, e esta Família académica que era como que o prolongamento da sua e a ele ligada por tão estreitas relações de espírito, eu deponho, como grinalda que envolva o seu busto, as minhas homenagens, imperecíveis e sempre verdes como os louros tradicionais e simbólicos da imortalidade que o nosso querido e saudoso companheiro soube conquistar com a sua obra, gloriosa para o seu nome, gloriosa também para esta Academia.

(Discurso pronunciado na Academia, na Sessão de Homenagem a Queiroz Veloso, realizada em 12 de Dezembro de 1953).

BIBLIOGRAFIA

DO

PROF. QUEIROZ VELLOSO

- 1.º — *A Criminalidade em Portugal* — (Estudo Médico-Geral — Porto — 1887.
- 2.º — *Discursos Parlamentares — Relatório Literário e Económico* — (Ano de 1896-1897) — Lisboa, 1898.
- 3.º — *Discursos Parlamentares — Orçamento para 1908-1909* — Lisboa, 1909.
- 4.º — *O Ensino Secundário em Portugal* — Lisboa, 1909.
- 5.º — *Gil Vicente e a sua Obra* — Lisboa, 1914.
- 6.º — *Aspectos da História e da Cultura do Brasil* — (Discurso de apresentação) — Lisboa, 1923.
- 7.º — *O Arquivo Geral de Simancas* — (Sua importância capital para a História Portuguesa) — Coimbra, 1932.
- 8.º — *A rainha D. Catarina de Austria e a União de Portugal à Espanha*. 1925.
- 9.º — *A Junta para Ampliação de Estudos e Investigações Científicas de Espanha, e as suas instituições de carácter educativo* — Coimbra, 1927.
- 10.º — *A Formação Profissional dos Professores Liceais* — Aveiro, 1927.
- 11.º — *Gil Vicente* (Fundador do Teatro Português). *A sua Vida e as suas Obras*. In «História da Literatura Portuguesa Ilustrada». 1928.
- 12.º — *A Dominação Filipina* — Coimbra, 1930.
- 13.º — *O Cardeal Rei D. Henrique* — Coimbra, 1930.
- 14.º — *Uma alta figura feminina das Cortes de Portugal e da Espanha, nos séculos XVI e XVII. D. Francisca de Aragão, condessa de Mayalde e de Ficalho*. 1931.
- 15.º — *Como perdemos Olivença* — 1932, 2.ª edição, 1939.
- 16.º — *D. Sebastião — 1554-1578* — Lisboa, 1935.
- 17.º — *O Significado Histórico do 1.º de Dezembro* — Lisboa, 1935.
- 18.º — *Elogios Históricos e Comemorações* — Gama Barros — Lisboa, 1937.
- 19.º — *A Naturalidade de Fernão de Magalhães* — Lisboa, 1938.
- 20.º — *Gil Vicente Poeta e Ourives* — Lisboa, 1938.
- 21.º — *Fernão de Magalhães. Sa Vie et son Voyage*. In «Revue d'Histoire Moderne» (Août Septembre, 1939).
- 22.º — *A Fundação da Nacionalidade Portuguesa*. (Em número especial de «O Século», comemorativo dos Centenários, 1940).

- 23.º — *A Perda da Independência. Factores internos e externos que para ela contribuíram*, (In — «Publicações do Congresso do Mundo Português», 1940).
- 24.º — *O Brasil durante os 60 anos da Administração Filipina* — Congresso do Mundo Português — Volume XI — Lisboa, 1940.
- 25.º — *Homenagem ao Brasil em 12 de Junho de 1941* — Lisboa, 1941.
- 26.º — *Lisboa através da História Portuguesa* — Lisboa, 1942.
- 27.º — *Adolfo Coelho* — Lisboa, 1942.
- 28.º — *Prefácio de Tripeiros de Gema* — Mário Portocarrero Casimiro — Porto, 1942.
- 29.º — *Elogio Académico do Prof. Dr. David Lopes* — Lisboa, 1943.
- 30.º — *D. Sebastião* — Madrid, 1943.
- 31.º — *No Centenário do Nascimento de Oliveira Martins—O Historiador*—Lisboa, 1945.
- 32.º — *O Reinado do Cardeal D. Henrique* — Lisboa, 1946.
- 33.º — *No 43.º ano da Fundação do Primeiro Club Rotário* — Lisboa, 1948.
- 34.º — *Elogio Histórico de Hintze Ribeiro* — Lisboa, 1949.
- 35.º — *A Universidade de Évora* — Lisboa, 1949.
- 36.º — *A Expansão Portuguesa* — Lisboa, 1949.
- 37.º — *Estudos Históricos do Século XVI* — Lisboa, 1950.
- 38.º — *A Rainha D. Catarina de Áustria e a União de Portugal a Espanha*.

*Composto e impresso na
oficina «Ottoesgráfica, Ltd.ª»
Largo do Conde Barão, 50
Lisboa*

biblioteca
municipal
barcelos



6544

Elogio histórico de José Maria
de Queiroz Veloso